

Pelotas

UMA HISTÓRIA
CULTURAL



séries finais
ensino fundamental

Org.: Secretaria Municipal de Cultura

CRÉDITOS

PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Luiz Inácio Lula da Silva

MINISTÉRIO DA CULTURA

João Luiz Silva Ferreira

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL E PROGRAMA MONUMENTA

Luiz Fernando de Almeida

PREFEITURA DE PELOTAS

Adolfo Antonio Fetter Junior

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA

Mogar Pagana Xavier

BANCO INTERAMERICANO DE DESENVOLVIMENTO – BID

Representações da Unesco no Brasil

Edição 2009

ISBN: _____

Tiragem: 3.160 exemplares

S697 Pelotas : uma história cultural : séries finais / Secretaria Municipal de Cultura (org.) – Pelotas (RS) : Prefeitura Municipal. Secretaria de Cultura, 2009. – 174p.

1. Pelotas (RS) – Patrimônio cultural 2. Patrimônio cultural - Pelotas (RS) 3. Patrimônio cultural de Pelotas – Educação 4. Educação – Patrimônio cultural de Pelotas I. Pelotas. Secretaria Municipal de Cultura.

CDD: 306
372.242

Catálogo na publicação: Ceila R. M. Soares - CRB 10/926

Este Livro foi produzido no contexto da Cooperação UNESCO – Programa Monumenta / Iphan do Ministério da Cultura . Projeto 914BRA4003. As opiniões aqui expressas são de responsabilidade do(s) autor(es) e não refletem necessariamente a visão da UNESCO sobre o assunto.

FICHA TÉCNICA

COORDENAÇÃO PROGRAMA MONUMENTA PELOTAS
Eng. Civil Ricardo Silveira

COORDENAÇÃO TÉCNICA DO PROJETO
Arq. Liciane Almeida

PRODUÇÃO DE TEXTOS – CONSULTORIA PROGRAMA MONUMENTA
Lélia Caetano

EQUIPE:

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
Arq. Marta da Rosa e Silva
Arq. Michele Souza Bastos
Arq. Paulina von Laer
Eng. Civil Gisela Frattini

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
Prof^a. Cristiane Marryan de Matos Quiumento
Prof^a. Eliana da Fonseca Fernandes
Prof^a. Fabiane Jardim Teixeira
Prof^a. Jussara Pereira Cordeiro
Prof^a. Lourdes Francisca Freitas Costa
Prof. Luis Cláudio Azevedo Guterres
Prof^a. Mônica Corrêa de Borba

COLABORAÇÃO
Prof. Sebastião Peres – Universidade Federal de Pelotas

PROJETO GRÁFICO
Agência Mais Propaganda
(Projeto: Diego Windmöller / Ilustrações: Vinicius Albernaz Soares)





Pelotas

Composição: Kleiton e Kledir

Caminhando por Pelotas
Lembrei de quando eu nasci,
Um quarto da Santa Casa,
O palco do Guarany.
Contei paralelepípedos
A caminho da escola,
Sonhei ladrilhos hidráulicos,
Paredes de escaiola.
Pião, bolinha de gude
Pandorga, ioiô, gibi,
Bici, carrinho de lomba,
Eu sou o mesmo guri.
Comi tanta pessegada,
Fios de ovos e bem-casados,
E pastéis de Santa Clara,
Que fiquei cristalizado.
E voei até a praça
Passei no Sete de Abril,
Os pardais faziam festa,
Naquela tarde de frio.
Tomei um café no Aquário
Bem quente pra ver se aquece,
Agradei obrigado,
E a moça disse merece!





Andei até na Avenida
Entrei na Boca do Lobo,
Fui até à BAIXADA,
Pois era dia de jogo.
Naveguei pelo Porto
Fragata e Areal,
Três Vendas e São Gonçalo,
E Praias do Laranjal.
É muita guria linda
Eu fico até espantado,
Nunca vi tanta beleza,
Por cada metro quadrado.
O vento nos teus cabelos
Desenha outra escultura,
Junto à Fonte das Nereidas,
E aos traços da arquitetura.
Terra de todos meus sonhos
Princesa do Sul bonita,
O meu amor não tem fim,
Como uma rua infinita.
Pelotas minha cidade
Lugar onde eu nasci,
Ando nos braços do mundo,
Mas sempre volto pra ti!



Pelotas



APRESENTAÇÃO

A MEMÓRIA HISTÓRICA DE UM POVO DEVE SER PRESERVADA para as gerações vindouras, pois o futuro se alicerça no passado. Esse é um dos objetivos da presente publicação, na qual se procurou, de forma simples e didática, contar um pouco da história de Pelotas. Uma outra finalidade do livro é tentar mostrar as potencialidades, as belezas e o patrimônio arquitetônico e cultural da Princesa do Sul, remetendo aos seus primórdios até chegar à atualidade. Trata-se, portanto, de uma breve mas ilustrativa e esclarecedora viagem através do tempo, desde que aqui aportaram os primeiros desbravadores e colonizadores.

Trata-se de um livro direcionado às crianças, cujo conteúdo leva a um “passeio” pela cidade, mostrando seus principais símbolos históricos e dando ênfase a aspectos essenciais da história econômica, social e cultural do Município. Mais do que um instrumento lúdico de conhecimento e aprendizado, a publicação é uma tentativa de contar e mostrar a senda de lutas, desafios e conquistas do povo pelotense, fixando dados, informações e lugares que muitas vezes nos passam despercebidos, apesar de sua importância no contexto histórico de Pelotas.

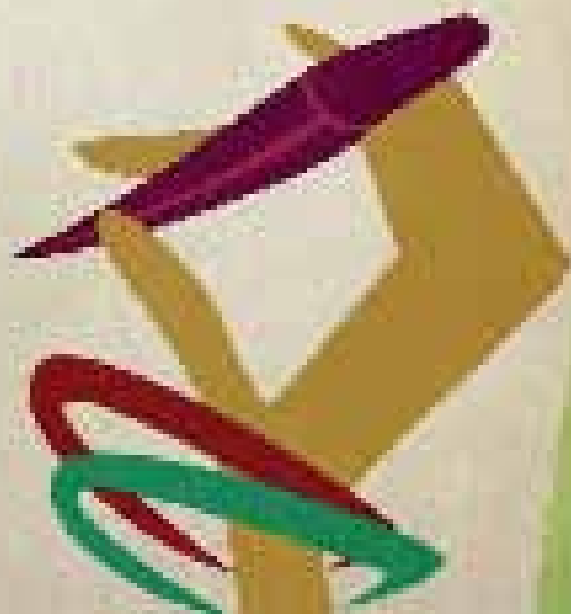
Paralelo a isso, o livro remete à participação e à cidadania, deixando claro que a cidade pertence à sua população, que deve zelar e cuidar do seu patrimônio, além de reverenciar e passar adiante sua gloriosa trajetória de quase 200 anos. Por tudo isso, queremos crer que o livro preenche uma lacuna, reunindo em suas 174 páginas, boa parte da admirável e incomparável história de nossa cidade.

Boa Leitura!

Adolfo Antonio Fetter Júnior
Prefeito Municipal



...possuindo pelas tuas veias, tal um rio claro
de primavera: vive a sensação de estar num outro tempo,
estando aqui e sendo ali ao mesmo tempo, as palavras
na grande calma da praia
atopada por pequenos fluxos lírios...
De repente a vida cadenciada do mundo
vem tua no corpo que passa apressada como se
o nome de um rio: e nos transporta da
contemplação para as recordações alegres
do cotidiano, a felicidade...





ÍNDICE

16	APRESENTAÇÃO
20	PELOTAS: PATRIMÔNIO CULTURAL
22	UNIDADE 1: PATRIMÔNIO CULTURAL
24	<i>DIÁRIO DE BORDO</i>
26	Patrimônio Cultural
32	Patrimônio Material
34 <i>Tombamento</i>
35 <i>Sítios Urbanos</i>
35 <i>Sítios Arqueológicos</i>
36	Patrimônio Imaterial
38 <i>O Patrimônio Imaterial no Brasil</i>
39 <i>Os Livros de Registro</i>
41	<i>PEQUENO GLOSSÁRIO</i>
43	<i>REFERÊNCIAS</i>
44	UNIDADE 2: PATRIMÔNIO CULTURAL DE PELOTAS - HISTÓRICO E AMBIENTAL
46	<i>DÉJÀ-VU</i>
50	<i>SATOLEP – VITOR RAMIL</i>
52	Origem da Cidade
56 <i>O nome Pelotas</i>
56 <i>Localização Geográfica</i>
60 <i>As Charqueadas</i>
62 <i>A Escravidão</i>
64 <i>O Arroio Pelotas</i>
68	A Formação do Núcleo Urbano
69 <i>Freguesia, Vila e Cidade</i>
72 <i>O Primeiro Loteamento</i>
74 <i>O Segundo Loteamento</i>
75 <i>A trajetória da preservação em Pelotas</i>
84 <i>Zonas de Preservação do Patrimônio Cultural – ZPPCs</i>
85 <i>Tombamentos e Inventário em Pelotas</i>
85 <i>Tombamento em nível Federal</i>
86 <i>Tombamento em nível Estadual</i>
86 <i>Tombamento em nível Municipal</i>
89 <i>Incentivo</i>
92 <i>Potencialidades e desenvolvimento</i>
94 <i>Retomando os principais aspectos</i>



98	A Zona Rural
102	Recursos Hídricos
106	<i>REFERÊNCIAS</i>
108	UNIDADE 3: PATRIMÔNIO CULTURAL DE PELOTAS – O PATRIMÔNIO VIVO
110	<i>A BARONESA QUE COLECIONAVA</i>
114	A Dimensão Imaterial dos Bens Culturais
116 <i>Precedentes</i>
118	A Tradição Doceira
121 <i>Os Doces como Patrimônio Cultural</i>
122	Os Clubes de Futebol
124 <i>Esporte Clube Pelotas</i>
126 <i>Grêmio Esportivo Brasil</i>
128 <i>Grêmio Atlético Farroupilha</i>
130	O Carnaval
133 <i>Jogo de Capoeira “2º Festival de Arte na Escola” O Carnaval no Século XX</i>
134 <i>O Sopapo</i>
136	As Manifestações Artísticas
144 <i>Literatura</i>
146	O Tradicionalismo
149	<i>BREVE GLOSSÁRIO</i>
150	Os Lugares da Memória
151 <i>Museu Municipal Parque da Baronesa</i>
152 <i>Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter</i>
154 <i>Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo</i>
155 <i>Museu do Charque</i>
157 <i>Museu Histórico da Bibliotheca Pública Pelotense</i>
158 <i>Museu Histórico Helena Assumpção de Assumpção</i>
158 <i>Museu Etnográfico da Colônia Maciel</i>
160	<i>REFERÊNCIAS</i>
162	UNIDADE 4: PATRIMÔNIO CULTURAL DE PELOTAS – JOGOS DE SIMULAÇÃO
166	Exercício 1 – Revitalização do Patrimônio Edificado
170	Exercício 2 – Qual é o meu papel?

PELOTAS - UMA HISTÓRIA CULTURAL

APRESENTAÇÃO

Séries Finais
Ensino Fundamental

ESTE LIVRO FOI PENSADO PARA QUE OS JOVENS DAS ESCOLAS possam conhecer e entender o valor histórico da cidade de Pelotas como Patrimônio Cultural.

Para abordar os conhecimentos acerca da importância do Patrimônio Histórico em Pelotas, escolhemos três personagens: Mariana, Manu e João Pedro que anunciarão as três unidades temáticas deste livro.

As unidades temáticas são: patrimônio cultural - material e imaterial, patrimônio histórico e ambiental e patrimônio vivo de Pelotas.

Os três jovens apresentam os temas através de *crônicas*. As crônicas não têm um enredo determinado, são textos simples, recortes do cotidiano escolar tendo como trama (ou “liga”) a (re)descoberta da nossa cidade. A partir das crônicas segue-se um apanhado de fatos, de estudos e documentos reunidos para contextualizar uma reflexão acerca da importância da conservação do patrimônio cultural de Pelotas. Será uma caminhada rumo ao conhecimento sobre a cidade de Pelotas.

Na primeira unidade, apresenta-se a crônica “Diário de Bordo”, na qual Mariana escreve sobre o que aprendeu com as palestras realizadas na escola e o que poderá aprender com o trabalho interdisciplinar proposto pelos seus professores.

Manu abre a segunda unidade com a crônica “*déjà-vu*”. Ela escreve sobre as impressões de suas vivências pelotenses, “viajando ao som de Vitor Ramil” pelas ruas de Pelotas.

“A Baronesa que Colecionava” é a crônica que João Pedro apresenta abrindo a terceira unidade. Na crônica, ele “navega” na história da baronesa. Escreve sobre a história da cidade, chamando a atenção sobre as consequências da globalização na identidade dos povos.

Crônica é um gênero literário produzido essencialmente para ser veiculado na imprensa, seja nas páginas de uma revista, seja nas páginas de um jornal. Quer dizer, ela é feita com uma finalidade utilitária e pré-determinada: agradar aos leitores dentro de um espaço sempre igual e com a mesma localização, criando-se assim, no transcurso dos dias ou das semanas, uma familiaridade entre o escritor e aqueles que o leem.

Na quarta unidade, que encerra o livro, encontraremos exercícios de simulação que são desafios para vivenciar situações envolvendo tomada de decisões com consciência patrimonial. São propostas que podem ser realizadas individualmente ou em grupo.

Estudiosos de diversas áreas do conhecimento foram referenciados para compor a diversidade necessária à compreensão sobre patrimônio cultural.

Quando reportamo-nos ao patrimônio cultural, precisamos ter clara a necessidade de conhecer a nossa cidade ao longo do tempo e do espaço. Percebendo a história e o lugar como algo dinâmico, do qual somos sujeitos. Essa história pode ser entendida construindo, reconstruindo e, principalmente, preservando a memória e a identidade de nossos antepassados que, ao serem narradas, descrevem também a nossa própria história.

Nosso livro reúne uma série de dados que irão situá-lo frente às questões que envolvem o patrimônio cultural. É um convite para você descobrir a nossa cidade com um novo olhar, que desperta um sentido de 'territorialidade', 'palavra que expressa sentimento de 'pertencer àquilo que nos pertence(...)' 'pressupõe também a preocupação com o destino, a construção do futuro'.

Desse modo, nossa proposta é construir a partir dos jovens um sentimento de pertencimento a um território e a uma história "construída com as expressões de todas as classes sociais", que deve ser cuidada e preservada para as próximas gerações.

As questões abordadas despertarão um desejo de ser cidadão, com um sentimento de orgulho e de responsabilidade

para com a cidade e seus habitantes, que receberam, como herança histórica, a paisagem urbana, a paisagem natural, os hábitos e os costumes das famílias e da comunidade como um todo.

Queremos convidá-los ao conhecimento sobre Patrimônio Histórico de Pelotas. Com a tua ajuda, estaremos valorizando nossa história e os bens que através dela podemos produzir.



MARIANA

MANU

JOÃO PEDRO

PELOTAS: PATRIMÔNIO CULTURAL

Séries Finais
Ensino Fundamental

AO ESTUDARMOS OS ACONTECIMENTOS DA NOSSA CIDADE AO LONGO DO TEMPO, PERCEBEMOS QUE cada iniciativa de produção econômica e social, cada novo grupo de pessoas que chegou, teve que se adaptar às condições da nossa natureza e às situações de vida que já existiam, sempre havendo uma transformação e uma troca mútua. Essa dinâmica criou a nossa **identidade cultural**.

O homem não existe hoje nem existirá amanhã sem a memória do ontem, ou seja, a memória é o que nos liga ao que já passou e dá continuidade ao que ainda virá. A memória revela a identidade, tanto pessoal quanto coletiva, e pode manifestar-se nas mais variadas formas: no modo de vida cotidiano, nas produções culturais e também na produção do espaço arquitetônico e urbano.

Portanto, o planejamento e a construção visando o futuro nada mais são do que a tomada de consciência de que o presente é a linha divisória entre passado e futuro.

A preservação do patrimônio tem entre suas funções o papel de despertar o sentimento de identidade, de pertencimento, pois conservamos a memória do que fomos, do que somos, preservamos aquilo que herdamos e que pode ser transmitido de geração a geração. Faz o passado e o presente conversarem, tratando o conhecimento da nossa cultura em seus diversos aspectos, sem preconceito com o tempo, permitindo encontros e reencontros com o que temos e somos.

As decisões com relação ao futuro devem refletir e respeitar as memórias do passado, sem, contudo, deixar de reconstruir e renovar para o futuro.

A preservação do patrimônio tem entre suas funções o papel de promover “a continuidade cultural”, ser o elo entre o passado e o presente e nos permitir conhecer a tradição e a cultura.

Pelotas, nossa cidade, dispõe de importante Patrimônio Cultural, evidenciado nos seus exemplares arquitetônicos remanescentes, herança coletiva de épocas de desenvolvimento econômico, social e cultural. Estes exemplares, juntamente com sua configuração urbana, com seu traçado xadrez, ruas cobertas de granito e calçadas de ladrilhos, compõe um rico patrimônio a ser preservado. São elementos que representam e constituem a identidade da sociedade pelotense.

Além da riqueza do patrimônio arquitetônico, outros bens também integram o patrimônio cultural do município, como os doces típicos pelotenses e o Arroio Pelotas e suas margens, onde encontramos as Charqueadas, origem do desenvolvimento sócio-econômico da região. Manifestações artísticas, festas populares, gastronomia, hábitos e costumes também fazem parte do patrimônio cultural da cidade.



Unidade

1

Patrimônio Cultural





diário de bordo

Quando o professor Rogério propôs que fizéssemos um “diário de bordo”, ou seja, anotar todas as ideias, impressões e informações num caderno que deveria estar sempre conosco, eu achei a maior babaquice. Coisa sem propósito. Invenção para dar mais trabalho pra gente. Opiniões à parte, eu não tinha saída: ou fazia o tal diário ou ficava sem nota no trimestre, pois era o trabalho que seria avaliado. Mas isso não era tudo, nem o pior: um projeto interdisciplinar sobre o Patrimônio Cultural de Pelotas era o objetivo final, que justificava a empreitada do diário.

Definitivamente, seriam dois longos meses. O fardo ficou mais leve quando descobri que a proposta do projeto envolvia todas as turmas da escola e que deveríamos trabalhar como “time” (modo como passamos a identificar os grupos que se formaram) e que seria uma competição, com premiação e tudo. Eu e meus colegas ficamos mais motivados, afinal uma disputa sempre é mais emocionante do que uma prova de múltipla escolha. Claro que a ideia do diário ainda era uma barreira a ser superada.

No início, recebemos uma série de materiais informativos sobre Pelotas para ler. Depois, os professores começaram a indicar textos sobre Patrimônio Cultural em geral e a trazer alguns estudiosos e especialistas da área para fazer palestras e conversar conosco. Foi um desfile de historiadores, arquitetos, restauradores, museólogos, pesquisadores e até artistas. Mas o que mais surpreendeu foi quando começaram a aparecer, como convidados, pessoas da comunidade, que não tinham nenhuma ligação com o assunto – pelo menos, era assim que pensávamos.

À medida que recebíamos mais informações e tínhamos a oportunidade de ampliar os nossos conhecimentos, desfaziam-se aquelas ideias que normalmente temos, de que o patrimônio de um povo é apenas um conjunto de antiguidades ou mera coleção de curiosidades que se perpetuaram ao longo do tempo. O patrimônio não se atém apenas aos objetos e edificações, amplia-se ao cotidiano da vida, à dinâmica da cultura e ao desenvolvimento socioeconômico das comunidades.

Ao refletir sobre a fala daquelas pessoas, compreendi que nenhum objeto de museu é dissociado do cotidiano da população, que em algum momento ele foi instrumento de construção das realidades pessoais e de sua inserção no mundo. O Patrimônio Cultural é construído pela continuidade histórica de uma comunidade que se reconhece como tal e assume seus ideais e valores, transcendendo as gerações. Enfim, posso dizer que a minha “ficha caiu”.

O Patrimônio Cultural materializa os laços que unem histórica e geograficamente uma comunidade. Cada elemento do patrimônio reflete uma marca expressiva da sua herança histórica, são pontos de referência nos percursos do dia-a-dia. São bens culturais disponíveis livremente à fruição de todos. São bússola e mapa na orientação de valores e na construção do sentido pessoal de “pertencimento”, e isso gera o compromisso de preservação, pois valorizamos o que temos e o que somos.

Chegamos ao final do trimestre e estou aqui participando do projeto, empenhada na tarefa de fazer o melhor pelo meu time e assim ganhar a competição.

O meu “diário de bordo” está recheado de anotações e ideias. Sem ele seria incapaz de escrever essa crônica. Ficaria à deriva, como uma embarcação no mar sem o seu diário de bordo. Babaquice? Eu, hem? O registro e o compromisso que sentia enquanto fazia as minhas anotações no diário poderiam ser metáfora para muitas questões que envolvem o Patrimônio Cultural de uma cidade.

O diário, que foi usado como uma ferramenta para auxiliar na compreensão do assunto, foi muito eficaz, principalmente, porque reunindo dados, fatos e ideias sobre o patrimônio, despertou-me o tal sentido pessoal de “pertencimento” em relação à nossa cidade, e essa sensação é tão boa quanto a sensação de vencer uma competição.

Mariana.



Pelotas - Uma História Cultural
Unidade 1

PATRIMÔNIO CULTURAL

Séries Finais
Ensino Fundamental

*Doces de Pelotas.
Foto: acervo Secult*



*Catedral de Brasília, DF.
Foto: Liciane Almeida*



*Doquinhas (Pelotas, RS)
Foto: Liciane Almeida*



SEGUNDO A PESQUISADORA LETÍCIA VIANNA (2004), quando falamos em patrimônio, estamos nos referindo a uma porção de bens que têm grande valor para pessoas, comunidades, nações e também para a humanidade. A ideia remete à riqueza construída e transmitida, herança ou legado que influencia o modo de ser e a identidade dos indivíduos e grupos sociais.

O patrimônio cultural não se restringe apenas a imóveis oficiais isolados, igrejas ou palácios, mas na sua concepção contemporânea se estende a imóveis particulares, trechos urbanos e até ambientes naturais de importância paisagística, passando por imagens, mobiliário, utensílios e outros bens móveis.

A noção exata do que seja patrimônio é relativa, pois depende do ponto de vista de quem fala, com influência direta da cultura local. As definições possuem diferentes perspectivas,

*Pelourinho (Salvador, BA)
Foto: Liciane Almeida*



que podem ou não se sobrepor, como a perspectiva afetiva, a econômica, a ambiental e a social. Patrimônio cultural diz respeito aos conjuntos de conhecimentos e realizações de uma sociedade, que são acumulados ao longo de sua história e lhe conferem os traços de sua singularidade em relação às outras sociedades.

Uma das características mais marcantes da espécie humana é a grande diversidade de configurações socioculturais possíveis no tempo e no espaço. Diferentes das sociedades de abelhas e formigas, sempre idênticas, as sociedades humanas são sempre únicas em função das especificidades culturais nelas desenvolvidas. Cada sociedade possui um sistema cultural, no qual vários sistemas simbólicos são incorporados e compartilhados.

Entende-se aqui por **cultura** os sistemas de significados, os valores, crenças, práticas e costumes, ética, estética, conhecimentos e técnicas, modos de viver e visões de mundo que orientam e dão sentido às existências individuais em coletividades humanas. Pertencer a uma identidade cultural significa descobrir-se, ser diferente, único, singular.

A proteção do patrimônio cultural brasileiro tem por base as recomendações da UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – que buscam desenvolver e promover princípios universais e normas baseadas em valores comuns, de modo a enfrentar os desafios que se colocam na área da cultura e promover o bem comum.

*São Miguel das Missões, RS
Foto: IPHAN*



*Ouro Preto, MG
Foto: Liciane Almeida*



*Ballet
Foto: Jussara Cordeiro*



*Ponte Mauá (Jaguarão, RS, divisa do
Brasil com Uruguai)
Foto: Liciane Almeida*



*Interior da Igreja do Bonfim
(Salvador, BA)
Foto: Fábio Caetano*



*Palácio do Planalto
(Brasília, DF)
Foto: Liciane Almeida*



*Paneleiras de Goiabeiras
Fonte: IPHAN*



Nos artigos 215 e 216 da Constituição Federal promulgada em 1988, o conceito de Patrimônio Cultural abarca tanto obras arquitetônicas, urbanísticas e artísticas de grande valor enquanto patrimônio material, quanto manifestações de natureza “imaterial”, relacionadas à cultura no sentido antropológico: visões de mundo, memórias, relações sociais e simbólicas, saberes e práticas, experiências diferenciadas nos grupos humanos, chaves das identidades sociais.

No Patrimônio Imaterial incluem-se também as celebrações e saberes da cultura popular: as festas, a religiosidade, a musicalidade e danças, as comidas e bebidas, as artes e artesanatos, os mistérios e mitos, a literatura oral e tantas expressões diferentes que fazem nosso país tão diverso e rico.

O principal instrumento de preservação do patrimônio material em nível nacional é o tombamento, instrumento instituído desde 1937 no Brasil, através do decreto nº 25/37.

A legislação nacional para o patrimônio imaterial, entretanto, é recente, data do ano 2000, com o Decreto 3.551/2000.

O IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – é o órgão federal, vinculado ao Ministério da Cultura, que tem a responsabilidade de promover a preservação do patrimônio cultural brasileiro.

Pelotas - Uma História Cultural

Unidade 1

PATRIMÔNIO MATERIAL

Séries Finais
Ensino Fundamental



O PATRIMÔNIO MATERIAL É COMPOSTO POR UM CONJUNTO de bens culturais classificados segundo sua natureza que, quando tombados, são incluídos em um dos quatro Livros do Tombo:

*Painéis em azulejos - Igreja e Convento de São Francisco (Salvador, BA)
Foto: Fábio Caetano*



- 1- arqueológico, paisagístico e etnográfico;
- 2- histórico;
- 3- belas artes;
- 4- artes aplicadas.

Os bens culturais materiais dividem-se em:

- **bens imóveis** - núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais;
- **bens móveis** - coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos.

*Igreja São Francisco de Assis
(Belo Horizonte, MG)
Foto: Liciane Almeida*



Os bens imóveis reconhecidos como Patrimônio Cultural podem ser entendidos como monumentos culturais. Estes podem ser obras arquitetônicas isoladas ou em conjunto, obras de escultura, de pintura, elementos de caráter arqueológico, inscrições, grutas e grupos de elementos com valor do ponto de vista da história, da arte e da ciência.

TOMBAMENTO

O tombamento é um ato administrativo realizado pelo poder público, nos níveis federal, estadual ou municipal. Os tombamentos federais são de responsabilidade do IPHAN e podem ser solicitados por iniciativa de qualquer cidadão ou instituição pública. Têm como objetivo preservar bens de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e também de valor afetivo para a população, impedindo a destruição e/ou descaracterização de tais bens.

O tombamento pode ser aplicado aos bens móveis e imóveis, de interesse cultural ou ambiental, e deve sempre buscar a preservação da memória coletiva.

Além do tombamento, existem outros instrumentos de preservação, como:

- **O Inventário** – que representa uma das principais formas de reconhecimento da importância dos bens culturais e ambientais. Trata-se da identificação e do registro das principais características que conferem ao bem valor patrimonial.

- **O Plano Diretor** – que representa o mais importante instrumento legal de planejamento das cidades. Nele devem estar previstas as principais diretrizes e formas de preservação do patrimônio em nível municipal.

*Elevador Lacerda, bem tombado em nível federal (Salvador, BA)
Foto: Liciane Almeida*



*Sítio histórico reconhecido como Patrimônio da Humanidade – Ouro Preto, MG
Foto: Liciane Almeida*



*Igreja em Salvador, BA
Foto: Fábio Caetano*



Baía de Todos os Santos
(Salvador, BA)
Foto: Liciane Almeida



SÍTIOS URBANOS

São áreas de especiais características culturais e, por isso, reconhecidas como bens patrimoniais. Demandam instrumentos próprios de análise e critérios de intervenção de acordo com suas especificidades. Os sítios urbanos não são obras de arte prontas e concluídas num determinado período, possuem natureza dinâmica e mutante, típica das cidades.

SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

São os lugares onde se encontram vestígios da vida e da cultura material dos povos do passado. Estes vestígios podem estar sobre a **superfície do solo** – uma aldeia indígena abandonada, uma fortaleza do século XVIII, as ruínas de uma igreja – ou **enterradas** – por exemplo, um sambaqui, locais à beira do mar onde se acumularam conchas, ossos, restos de alimentos e utensílios utilizados por grupos humanos que ali viveram.

Vestígios arqueológicos - centro
histórico de Salvador, BA.
Foto: Liciane Almeida



Todos os sítios arqueológicos são definidos e protegidos pela Lei 3.924/1961, sendo considerados bens patrimoniais da União. O tombamento de bens arqueológicos é feito excepcionalmente, por interesse científico ou ambiental.

Quem

Sabe

Rola?

Experimente olhar com mais atenção a sua rua, o seu bairro ou o centro da cidade. Cada um de nós tem uma forma especial de olhar e perceber o seu entorno e assim fazer novas descobertas. Experimente a sensação de “pertencimento”. Registre e comente de alguma forma esse momento, vale a pena!

Pelotas - Uma História Cultural
Unidade 1

PATRIMÔNIO IMATERIAL

Séries Finais
Ensino Fundamental



O RECONHECIMENTO DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS imateriais que resguardam importantes memórias de gerações passadas, como o patrimônio cultural, representa um retorno ao passado com o objetivo de revitalizar a identidade cultural de cada comunidade.

Por isso, as formas de manifestações linguísticas, de relacionamento, de trabalho com a terra, de cultivo e preparo do vinho e da culinária típica, os passos de danças, tornaram-se patrimônios e demonstram a riqueza da relação entre identidade e diversidade da cultura brasileira.

Assim, é importante promover e proteger a memória e as manifestações culturais representadas em todo o mundo, seja por monumentos, sítios históricos, paisagens culturais, ou por manifestações contidas nas tradições, no folclore, nos saberes, nas línguas, nas festas e em diversos outros aspectos transmitidos oral ou gestualmente, recriados coletivamente e modificados ao longo do tempo. A essa porção intangível da herança cultural dos povos dá-se o nome de **patrimônio cultural imaterial**.

Rendeira
Fonte: IPHAN



O PATRIMÔNIO IMATERIAL NO BRASIL

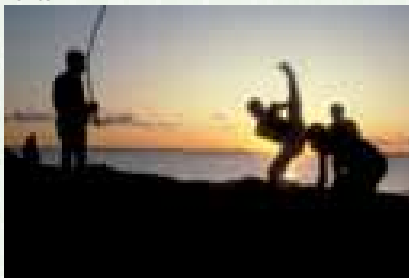
Apesar da Constituição Federal Brasileira de 1988 reconhecer em seu artigo 216 o caráter imaterial do patrimônio cultural brasileiro, somente no ano de 2000 foi efetivamente instituído um instrumento para sua preservação. Criou-se neste ano o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, por meio do Decreto nº 3.551/2000.

A amplitude e a abrangência desses instrumentos estabeleceram novos paradigmas para a área do patrimônio e um grande desafio para sua efetiva preservação e valorização.

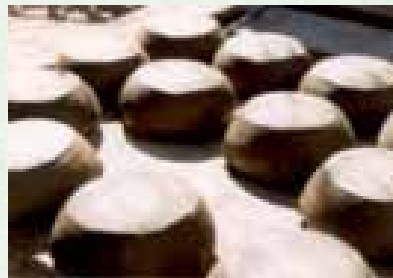
Acarajé
Fonte: IPHAN



Capoeira
Fonte: IPHAN



Panelas de barro
Fonte: IPHAN



Panelas de barro
Fonte: IPHAN



Samba
Fonte: IPHAN



Círio de Nazaré
Fonte: IPHAN



Jongô
Fonte: IPHAN



Frevo
Fonte: IPHAN



OS LIVROS DE REGISTRO

Os bens de relevância imaterial reconhecidos como patrimônio cultural brasileiro são registrados em um dos seguintes livros:

Acarajé
Fonte: IPHAN



Livro dos Saberes: no qual se incluem os conhecimentos, técnicas, processos e modos de saber e fazer, enraizados no cotidiano das comunidades.

Exemplo: tecnologias tradicionais de produção artesanal.

Círio de Nazaré
Fonte: IPHAN



Livro das Celebrações: no qual se incluem os rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social.

Exemplos: procissões, festas, concentrações.

Jongô
Fonte: IPHAN



Livro das Formas de Expressão: no qual se incluem as manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas.

Exemplos: folguedos, ritmos, linguagens, literatura oral.

Círio de Nazaré
Fonte: IPHAN



Livro dos Lugares: no qual se incluem os espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas.

Exemplos: mercados, feiras, santuários, praças.

Em nível internacional, tomamos como referência o conceito estabelecido pela UNESCO (2001), que define como Patrimônio Cultural Imaterial as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas e também os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhes são associados e as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos que se reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.

O Patrimônio Imaterial é transmitido de geração em geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

“A herança cultural tem de ser apropriada em sua dimensão pragmática. O patrimônio imaterial só molda a identidade cultural, quando molda também a prática cotidiana, de hoje e não apenas de ontem” (FALCÃO, 2001).

Curso de panelas de barro
Fonte: IPHAN



Rendeiras
Fonte: IPHAN



Doces de Pelotas
Foto: acervo Secult



PEQUENO GLOSSÁRIO

Conservação: são os cuidados a serem dispensados a um bem para que sejam preservadas as características que lhe conferem uma significação cultural, ou seja, conservar significa preservar o valor estético, histórico, científico ou social de um bem cultural.

Consolidação: é a aplicação de materiais, isolantes ou de reforço, na obra original, com o objetivo de assegurar sua integridade física e estática, bem como sua durabilidade. Deve-se tomar cuidado para que os trabalhos de consolidação não prejudiquem futuros trabalhos de conservação.

IPHAN: significa Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Inventário: é o cadastramento de informações relativas ao acervo cultural de uma comunidade, visa a identificação, o levantamento e a organização destas informações, com o objetivo de protegê-lo.

Manutenção: são ações contínuas de prevenção da deterioração; constituem intervenções e tratamentos técnicos para garantir a continuidade do uso e do bom estado do bem patrimonial.

Monumento: são edificações ou sítios históricos de caráter exemplar, por seu significado na trajetória de uma sociedade / comunidade e por suas características peculiares de forma, estilo e função.

Patrimônio: a palavra patrimônio possui conceitos diversos. Na sua origem latina, "patrimonium", pode estar associada com o paterno e com a pátria. Refere-se a herança, legado, posse. Na origem do termo patrimônio, cultura e natureza constituem elementos indissociáveis, relacionados ao cultivo da terra.

Patrimônio da Humanidade: é o patrimônio natural e cultural de qualquer país que, por seu valor histórico, arqueológico ou artístico, tem importância para todos, pois é resultado de uma notável realização humana. A preservação não se limita às fronteiras de um país, por isso, esse tipo de patrimônio recebe reconhecimento internacional.

Paisagem: é a configuração espacial formada por objetos, atributos físicos, naturais e artificiais, e resultantes do processo histórico da relação do homem com a natureza, onde atuam outros componentes de ordem social, econômica, psicológica e cultural, sujeitos a mudança.

Preservação: é toda ação empreendida no sentido de proteger e, portanto, impedir a degradação do bem patrimonial. Conservar e restaurar têm como objetivo a preservação.



REFERÊNCIAS:

BRASIL, Constituição do. Brasília: Senado Federal, 1988.

CONVENÇÃO PARA A SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO IMATERIAL. Disponível em <http://www.direitoshumanos.usp.br/counter/Unesco/texto/texto_9.html> Acesso em 09 de agosto de 2007.

FALCÃO, Joaquim Arruda. Patrimônio Imaterial: do conceito ao problema de proteção. In: Revista Tempo Brasileiro, out.-dez., nº 147. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. Guia Básico de Educação Patrimonial. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

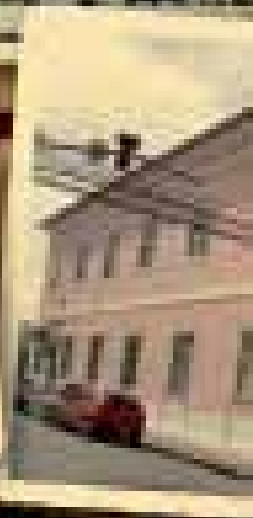
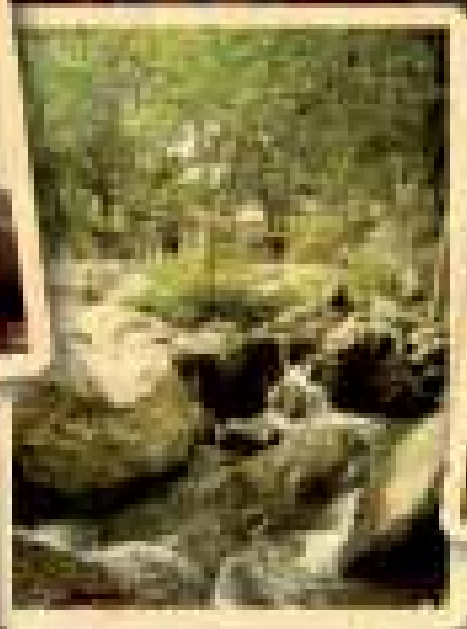
PATRIMÔNIO CULTURAL. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br>> Acesso em 30 de julho de 2007.

ROIG, Carmem Vera; POLIDORI, Mauricio Couto. (org.) Patrimônio Cultural, Cidade e Inventário: Um caminho Possível para a Preservação. Pelotas: Prefeitura Municipal, UFPel, 1999.

VIANNA, Letícia. Patrimônio Imaterial: Novas Leis Para Preservar... O Quê? Disponível em <<http://www.redebrasil.tv.br/salto/boletins2003/cpe/tetxt5.htm>>. Acesso em 09 de agosto de 2007.

_____. Legislação e Preservação do Patrimônio Imaterial: Perspectivas, Experiências e Desafios para a Salvaguarda das Culturas Populares. Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares, vol.1. n.1, 2004. Disponível em <<http://www.tecap.uerj.br/pag/arquivo.html#1>>. Acesso em 11 de agosto de 2007.





Unidade

2

Patrimônio Cultural de Pelotas

HISTÓRICO E
AMBIENTAL





déjà-vu

O despertador tocou várias vezes até que eu tivesse coragem para tirar o braço debaixo das cobertas para apertar o botão e silenciá-lo. Um arrepio de frio percorreu todo o meu corpo e não tive ânimo para sair das cobertas quentes.

Após alguns minutos, a porta abriu-se e uma voz firme disse:

- Tá na hora de acordar! Eu não sou como a tua mãe, só chamo uma vez.

Era mais um dia pela frente – e que dia! Era 7 de julho, aniversário de Pelotas. Levantei de má vontade, estava muito frio e eu sentia muito sono. Por que temos aula pela manhã no inverno? Podia ser à tarde, assim aproveitaria o calor da cama por mais tempo. Mas não! Na melhor hora do sono temos que levantar... Oh, vida!

Na cozinha encontrei o pai com a cara fechada, tomando chimarrão e com o rádio ligado naquele programa de sempre. Bom, pelo menos tinha água quente e assim deu pra tomar um café. Se a mãe tivesse em casa, as coisas estariam todas preparadas à minha espera... Ah, mãe! Volta logo dessa viagem.

Antes de sair correndo, escutei a voz de galã antigo do locutor da rádio anunciando a previsão do tempo - como sempre, o céu nublado, o vento sul soprando, a temperatura não ultrapassando os 10 graus centígrados e a umidade relativa do ar acima dos 90%. Tudo isso num mesmo dia, pode?

- Fui! Tchau, pai!

A minha escola estava participando da Olimpíada Pelotense de Patrimônio Cultural, o evento fazia parte das comemorações do aniversário da cidade e durante todo o trimestre preparávamo-nos para a semana decisiva da competição entre as diversas escolas. Aquele dia era o da decisão e a nossa escola estava na final. Seria um dia de muita adrenalina.

A etapa final da Olimpíada foi programada para o Theatro Sete de Abril, então as escolas estavam migrando pra lá, afinal era dia de festa. Para chegar ao centro da cidade eu precisava ir de ônibus, mas descí umas três paradas antes daquela que me deixaria mais perto do Theatro. Senti vontade de olhar com mais atenção àquela parte do centro da cidade, pois não costumava passar muito por ali. Acho que essa vontade de olhar foi por influência da Olimpíadas.

Caminhei em direção ao Theatro percebendo que meu percurso definia ângulos na geometria daquelas ruas retas. Observava a inúmera variedade de ladrilhos antigos nas calçadas, o xadrez cinza-metálico dos paralelepípedos das ruas, os detalhes das portas e janelas, os gradis, as fachadas das casas e dos prédios. Notei que o acesso às ruas e às praças possibilitava a todas as pessoas admirar a beleza do conjunto arquitetônico da minha cidade.

As cores acinzentadas pelo véu da cerração que, naquela hora, ainda não tinha levantado e, apesar de ser dia, os carros tinham que manter os faróis acessos para evitar acidentes.

Fiquei surpresa com os contrastes entre o antigo e o moderno, entre as fachadas rebuscadas das casas e as fachadas escancaradas das lojas, os tapetes de asfalto sob os

paralelepípedos de granito, as pessoas apressadas, em seus carros ou a pé, e eu ali, “na contramão”, caminhando devagar e olhando demoradamente para tudo.

Encontrar o presente e o passado compondo uma mesma fachada me deu aquela sensação de déjà-vu. Sabe, quando tu vês uma pessoa pela primeira vez e tens a impressão de que a conheces de algum lugar? Ou ao conversar com alguém, percebes que já havias falado exatamente as mesmas palavras anteriormente? Lugares também podem nos causar a sensação de déjà-vu. Foi o que senti andando por aquelas ruas, parecia que eu já conhecia cada detalhe que até então jamais havia percebido...

Lembrei da fala de um dos especialistas que conversou conosco lá na escola, quando explicava sobre os estilos colonial, neoclássico e eclético da nossa arquitetura e sobre conceitos de memória individual e coletiva. Aprendi que a memória individual são os acontecimentos vividos pessoalmente e a coletiva os “vividos por tabela”, ou seja, fatos vivenciados pelo grupo ou pela coletividade. Ah! Também tem aqueles acontecimentos que a gente nem sempre participa, mas que estão no nosso imaginário, e por isso tomam tamanha importância que, no fim das contas, é quase impossível não nos sentir parte dele, nestes casos podemos incluir até fatos de um passado muito distante.

Enquanto olhava aquelas fachadas, também me vinham à lembrança outras imagens da nossa paisagem natural... As cerrações e céus nublados do inverno, o frio, a chuva, o minvano (eta... ventinho gelado...), os tapetes coloridos das alamedas floridas na praça Coronel Pedro Osório. Os passeios de verão na orla da Laguna dos Patos... também lembrei da tranquilidade dos arroios e cachoeiras na chácara do vovô e dos domingos em família quando passávamos pela “Igreja Cabeluda” a caminho do Mercado. Quantas peculiaridades, quantos contrastes, basta pensar um pouquinho e vem à mente tanta coisa!

Enquanto o pensamento voava, os versos da música Satolep de Vitor Ramil vieram à cabeça:

*“Só, caminho pelas ruas
Como quem repete um mantra
O vento encharca os olhos
O frio me traz alegria
Faço um filme da cidade
Sob a lente do meu olho verde
Nada escapa da minha visão.
Muito antes das Charqueadas
Da invasão de Zeca Netto
Eu existo em Satolep
E nela serei pra sempre
O nome de cada pedra
E as luzes perdidas na neblina
Quem viver verá que estou ali”.*

Cantarolando cheguei ao Sete de Abril e qual minha surpresa: havia personagens do grupo Tholl recepcionando, com aquela alegria de sempre, os participantes da Olimpíada. Este momento durou até eu avistar meu grupo indignado: “tantos dias de trabalho pra chegar atrasada, logo hoje...”

- Eh! Pessoal, sem violência, pois a escola não pode ficar desfalcada na final...

Eu só estava me concentrando...

Manu



Satolep

Música: Vitor Ramil

Sinto hoje em Satolep
O que há muito não sentia
O limiar da verdade
Roçando na face nua
As coisas não têm segredo
No corredor dessa nossa casa
Onde eu fico só com minha voz
A Dalva e o Kleber na sala
Tomando o mate das sete
A Vó vem vindo da copa
Trazendo queijo em pedaços
Eu liberto nas palavras
Transmuto a minha vida em versos
Da maneira que eu bem quiser
Depois de tanto tempo de estudo
Venho pra cá em busca de mim.
E o céu se rirá d'amore
No olho azul de Zenaide
Outrora... lembrás flam(ingos)
Jê ne se pá, singulare
Yê na barra uruguaia
E letchussas no Arroito
Marfisas generão de paz
No The Lion!
La Jana torpor vadio
Cigarra sem horizonte
Lia, Alice e a lua
Num charque sem preconceito
o cisne negro aprisiona
O bélico Amor perdido
E a Esma num bissaje só
Cativa alguém
Nessa implosão de signos e princípios
Eu guardo o Joca e ele a mim.
O teu nome, Ana, escrito
No braço da minha alma
Persiste como uma estrela



Nas horas intermináveis
 Chuva, vapor, velocidade
 É como o quadro do Turner
 Sobre a parede gris da solidão.
 So-to-me-lo te verás-me
 Como-lho-me verte-ás-nos
 Solo te quero dizer-te
 Que me sinto mui contente
 Porque vou na tua casa
 E lemos cousas bonitas juntos
 No silêncio eu pego em tua mão
 Tu do meu lado e eu no teu quarto quieto
 Teu ser se confunde no meu.
 Vitorino de La Mancha
 Minha luta se resume
 No compasso de um tango
 Na minha triste figura
 Meu piano Rocinante
 A YOGA e o chá no fim da tarde
 E depois a noite e meu temor.
 Eu converso com o Kleiton
 Na mesa da casa nova
 Sobre a vida após a morte
 Sobre a morte após a vida
 Vencedor é o que se vence
 E a falta do Kleber é dura
 O que a gente quer é ser feliz
 A paz do indivíduo é a paz do mundo
 E viva o Rio Grande do Sul!
 Só, caminho pelas ruas
 Como quem repete um mantra
 O vento encharca os olhos
 O frio me traz alegria
 Faço um filme da cidade
 Sob a lente do meu olho verde
 Nada escapa da minha visão.
 Muito antes das charqueadas
 Da invasão de Zeca Netto
 Eu existo em Satolep
 E nela serei pra sempre
 O nome de cada pedra
 E as luzes perdidas na neblina
 Quem viver verá que estou ali.



Satolep

Pelotas - Uma História Cultural

Unidade 2

ORIGEM DA CIDADE

Séries Finais
Ensino Fundamental



Transporte de presos - Pelotas, 28 de julho de 1851.

*Imagem: Gravura de Herrmann R. Wendroth - 1851/1852 - viagem ao RS
Fonte: acervo - Michele Bastos*



A ARQUITETA E PESQUISADORA CERES CHEVALLIER (2002), em sua dissertação de mestrado, intitulada “Vida e obra de José Isella: arquitetura em Pelotas na segunda metade do século XIX”, reúne citações de diversos autores e pesquisadores, oferecendo-nos uma apresentação sobre as origens do nosso município. Ela escreve:

“O Rio Grande do Sul, capitania desde 1760, foi dividido em sesmarias. A divisão começou em 1750, quando do Tratado de Madri, tendo como outorgante de cartas de sesmarias o comandante geral das Capitanias do Sul, Gomes Freire de Andrade” (Pesavento, 1980).

“O primeiro povoador da região foi Luiz Gonçalves Viana, que, em 1719, desceu de Laguna, fazendo parte do grupo chefiado por João Magalhães. Luiz Gonçalves Viana

*Charqueada São João.
Foto: acervo Secult*



estabeleceu-se, antes de 1763, no lugar onde está a cidade de Pelotas, um rincão situado entre os arroios Pelotas e Santa Bárbara” (Arriada, 1994).

“Em 1758, Tomás Luis Osório, o coronel rio-grandense que participou do combate de Caiboaté (1756), nas Guerras Guaraníticas, foi agraciado, por doação de Gomes Freire de Andrade, com uma sesmaria, compreendendo o território do Sangradouro da Mirim e Arroio Pelotas até o Arroio Corrente, e deste à Laguna dos Patos, abrangendo parte de Canguçu” (Osório, 1997; Arriada, 1994).

“Por volta de 1777, todo o litoral do município, da Laguna dos Patos e do Canal de São Gonçalo à barra do Rio Grande e à foz do Piratini, já estava dividido em sete estâncias: Feitoria, Pelotas, Monte Bonito, Santa Bárbara, São Tomé, Pavão e Sant’Ana” (Osório, 1997).

“A estância de Monte Bonito, de propriedade de Manoel Carvalho de Souza no ano de 1779, constituiu o lugar onde a cidade foi construída posteriormente. Ainda em 1779, a viúva de Tomás Luis Osório vendeu a sesmaria de Pelotas ao casal Manuel Bento da Rocha e Isabel Francisca da Silveira. Nessa mesma sesmaria, na área do Laranjal, foi construída uma igreja, a mando de Isabel. Durante o século XIX, as terras que compreendiam a sesmaria de pelotas, e que eram de propriedade de Isabel Francisca da Silveira, foram divididas em cinco estâncias e sete charqueadas, localizadas na margem esquerda do arroio Pelotas” (Osório, 1997).

Devido à ocupação da Vila de

*Maquete de um varal de charque
(Museu do Charque)
Foto: Michael Kerr*



*Charqueada Barão de Butuí
Foto: acervo Secult*



Charqueada Santa Rita - esquadria
Foto: acervo Secult



Charqueada Barão de Jarau - esquadria
Foto: acervo Secult



Maquete de uma charqueada
(Museu do Charque)
Foto: Michael Kerr



São Pedro (Rio Grande), pelos castelhanos, nos anos de 1763 a 1776, seus habitantes refugiaram-se nos esteirais do São Gonçalo. Como consequência, surgiram os primeiros arraiais nas margens dos banhados do São Gonçalo e do Arroio Pelotas. Além desses refugiados, muitos outros pioneiros de São Paulo, Rio de Janeiro e Laguna instalaram-se nas sesmarias de Pelotas e Monte Bonito, junto à Laguna dos Patos, que tinha acesso pelo Arroio Pelotas e Canal São Gonçalo, permitindo, assim, a comunicação com as vilas de São Pedro e Porto Alegre” (Osório, 1997).

“Em 1779, José Pinto Martins, vindo do Ceará, estabeleceu sua charqueada junto ao Arroio Pelotas, em terras de dona Isabel Francisca da Silveira; começava, então, a produção de carne salgada e seca que atraiu um significativo número de novos habitantes. Outras atividades econômicas, como o cultivo de trigo, a agricultura de subsistência e a produção de linho grosso, já eram praticadas na região” (Nascimento, 1982; Cruz, 1992).

Chevallier (2000) acrescenta ainda que a combinação das estâncias de gado com a possibilidade de escoamento de mercadorias através do sistema fluvial, que levava ao Atlântico, favoreceu a exportação de produtos e a importação de mão-de-obra escrava e contribuiu para que a economia do charque crescesse no território rio-grandense, sendo responsável pelo enriquecimento e a prosperidade de Pelotas durante o século XIX.

O NOME PELOTAS

Em seu livro *História e Tradições da Cidade de Pelotas*, Mario Osório Magalhães (1981) alude que os indígenas rio-grandenses usavam uma canoa de couro para a travessia dos rios e batizaram-na de pelota. Assim, o Arroio Pelotas recebeu o nome das embarcações frequentemente utilizadas na sua travessia pelos indígenas e pelos povoadores. Depois, a partir da proliferação das charqueadas nas terras marginais ao arroio, *Pelotas* passou a designar, genericamente, a movimentada região.

Quando a Vila de São Francisco de Paula foi elevada à categoria de cidade, após muita discussão, foi aprovado o nome de Cidade de Pelotas, em referência à importância daquela região que abrigava as charqueadas que haviam proporcionado o desenvolvimento e o crescimento da localidade.

Transferiu-se a denominação da embarcação ao arroio, do arroio à região, da região ao município.

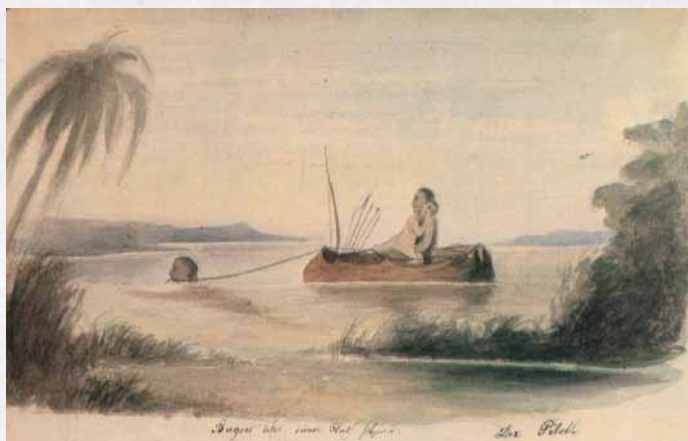
LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

O município de Pelotas tem sua localização no extremo sul do estado do Rio Grande do Sul dentro de uma área indicada como “metade sul” ou “zona sul”.

Pelota – meio de transporte
Imagem: Gravura de J. B. Debret



Bugres transpondo um rio - Pelota
Imagem: Gravura de Herrmann R. Wendroth - 1851/1852 – viagem ao RS
Fonte: acervo - Michele Bastos



Pelota (Museu do Charque)
Foto: Diego Windmüller



Imagem aérea - zona central
Foto: Rafael Amaral



Mapa do Rio Grande do Sul
Imagem: Diego Windmöller



Detalhe da região de Pelotas
Imagem: Diego Windmöller



A região fisiográfica Pelotas tem sua localização na área denominada Encosta do Sudeste, constituída pela Serra do Sudeste, a Serra dos Tapes e a planície costeira gaúcha.

A área urbana de Pelotas localiza-se na planície com uma altitude média de 7m em relação ao nível do mar. O município estende-se das mais baixas ondulações da encosta oriental da Serra dos Tapes até a planície sedimentar da margem ocidental do Canal São Gonçalo.

Sob o ponto de vista físico, encontra-se em uma encosta e essa localização teve consequência muito importante, pois determinou a existência, no município, de duas grandes paisagens naturais e humanas distintas: a paisagem serrana, mais elevada e ondulada, correspondente à policultura, e a paisagem de planície, baixa e plana, que corresponde à pecuária e a orizicultura.

O município limita-se ao sul pelo Canal São Gonçalo, municípios de Rio Grande e Capão do Leão; ao norte pelos municípios de Canguçu, Turuçu e São Lourenço; a oeste pelos municípios de Pedro Osório, Morro Redondo e Canguçu; e a leste pela Laguna dos Patos.

O tecido urbano está limitado a oeste pela várzea do Arroio Fragata, ao sul pela várzea do Canal São Gonçalo e ao norte pela formação de terraços. No interior do tecido

urbano, ao oeste da antiga estrada de ferro para Canguçu a expansão urbana foi delimitada pela várzea do Arroio Santa Bárbara.

Pelotas está situada numa zona de latitude média, na região temperada do sul. O município está situado entre os paralelos 31° e 32° de latitude sul, mais exatamente entre 31°20' e 31°48'. Do ponto de vista longitudinal, o município encontra-se entre 52° e 53° a oeste da linha do meridiano de Greenwich.

PELOTAS - ZONA URBANA



PELOTAS - ZONA URBANA - IMAGEM DE SATÉLITE



Fonte: Google Earth

AS CHARQUEADAS

Em seu livro “História e Tradições de Pelotas”, Mario Osório Magalhães (1981) conta-nos que José Pinto Martins, retirante da seca que em 1777 assolou o Ceará, fundou em 1779 uma charqueada às margens do Arroio Pelotas. A prosperidade do seu estabelecimento, justificada pela localização e pelos métodos empregados, estimulou a criação de outras charqueadas, iniciando-se a exploração em larga escala da indústria saladeril no território rio-grandense.

Em pouco tempo, Pinto Martins foi imitado por outros, de maneira que a salgação da carne, já praticada no território gaúcho como atividade econômica de subsistência, transformou-se, a partir daí, numa indústria poderosa, responsável pela própria organização da estância, baseada no trabalho cativo.

A produção charqueadora foi um dos principais produtos de exportação do Rio Grande do Sul. O enriquecimento de seus proprietários foi enorme. As charqueadas deram origem à povoação que demarcaria o início da cidade de Pelotas. Esta transformou-se, de incipiente povoado, em uma das cidades mais ricas e adiantadas da província, rivalizando com Porto Alegre durante todo o século XIX.

A indústria do charque foi o marco inicial da história da nossa cidade, período de grande desenvolvimento econômico, que marca profundamente a evolução do povo e permeia sua identidade cultural. Magalhães (1981) enfatiza que a riqueza, o grande número de escravos e a circunstância de a safra durar apenas de novembro a abril possibilitaram o ócio dos charqueadores: “Com o tempo desocupado e o charque vendido a altos preços nos mercados, esses industrialistas vieram fixar residência na vila que se erguia próxima aos saladeiros”.

Através da Lei 4977/2003, foi instituído o Roteiro das Charqueadas, referência cultural que marca para as

*Estância da Graça
Foto: acervo Secult*



*Charqueada Bernardino Barcelos
Foto: acervo Secult*



*Charqueada Barão de Santa Tecla
Foto: acervo Secult*



*Charqueada Santa Rita
Foto: acervo Secult*



gerações atuais e futuras o principal cenário do ciclo econômico do charque na nossa cidade.

O atual Plano Diretor de Pelotas, Lei nº 5502/2008, que regulamenta o planejamento urbano das cidades, reconhece o Arroio Pelotas e seu entorno, inclusive as charqueadas como Área de Especial Interesse Cultural do município.

SÍTIO CHARQUEADOR - ROTEIRO DAS CHARQUEADAS



LEGENDA:

01 Núcleo Urbano	09 Charqueada Santa Rita
02 Laranjeira	10 Charqueada de Bernardino Rodrigues Barcelos
03 Banheira dos Prazeres	11 Engenho Pedro Castro
04 Charqueada do Barão de Bulhões	12 Charqueada do Barão de Santa Teófilo
05 Charqueada do Barão de Araripe	13 Charqueada de José Inácio Xavier
06 Charqueada do Barão de Amélia Grande	14 Charqueada de José A. Colliere
07 Charqueada de Bernardino Rodrigues Barcelos	15 Charqueada de Visconde de Lagunary
08 Charqueada São João	16 Charqueada da Graça
— Roteiro das Charqueadas	

A ESCRAVIDÃO

Nos estudos realizados para a dissertação de mestrado de Eliane Teresinha Peres (2002) sobre os cursos noturnos masculinos de instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense, entre 1875 e 1915, encontramos considerações sobre aspectos da escravidão em Pelotas sob o ponto de vista de alguns pesquisadores, conforme o relato da autora:

“O avanço e a expansão das charqueadas ao longo do século XIX também trouxeram a Pelotas um contingente bastante grande de escravos. Margareth Bakos (1982) assegura que em 1884 havia em Pelotas 6.526 escravos.

Fernando Henrique Cardoso (1977) e Mário Maestri (1993) afirmam que Pelotas possuía, em 1884, em torno de 5.000 escravos, sendo que destes, dois mil trabalhavam nas charqueadas. Segundo o autor, uma charqueada tinha em média sessenta escravos; algumas, de maior porte, ultrapassavam o número de cem escravos.

Peres (2002) constata que se por um lado Pelotas caracterizou-se por congregar uma elite que solidificou fortuna e fama para a cidade com a atividade saladeiril, fazendo dela uma potência econômica e, conseqüentemente, política e cultural; por outro, tornou-se também um pólo escravista, ideia ratificada nos estudos de Ester Gutierrez (1993), nos quais ela coloca que: “o espaço da produção charqueadora pelotense foi um dos locais de consolidação do sistema escravista do Rio Grande do Sul, ao mesmo tempo em que foi um lugar onde verificou-se a exploração violenta do trabalho cativo”.

Em relação à rotina dos escravos, Peres (2002) conclui que, além de serem os responsáveis por grande parte do funcionamento da charqueada, desde a compra do gado até o transporte da carne salgada ao

*Carro de feno perto de Pelotas
Imagem: Gravura de Herrmann R.
Wendroth - 1851/1852 – viagem ao RS
Fonte: acervo - Michele Bastos*



*Carreta de duas rodas, puxada por uma paelha de cavalos.
Imagem: Gravura de Herrmann R.
Wendroth - 1851/1852 – viagem ao RS
Fonte: acervo - Michele Bastos*



*Preto chicoteando outro, crucificado em pelourinho.
Imagem: Gravura de Herrmann R.
Wendroth - 1851/1852 – viagem ao RS
Fonte: acervo - Michele Bastos*



Escravos conduzindo uma barrica (esq.) / Preto acorrentado pela perna (centro) / Preto acorrentado, chicoteando outro (dir.). Imagem: Gravura de Herrmann R. Wendroth - 1851/1852 - viagem ao RS
 Fonte: acervo - Michele Bastos



Ponte em arco de tijolos armados, construída pelos escravos em Pelotas
 Foto: acervo Secult



Pelotas
 Imagem: Gravura de Herrmann R. Wendroth - 1851/1852 - viagem ao RS
 Fonte: acervo - Michele Bastos



porto de Rio Grande, os escravos também desenvolviam outras atividades domésticas e fabris necessárias à manutenção da vida rural e urbana dos charqueadores. Destaca as diversas profissões exercidas pelos escravos, relacionadas por Gutierrez (1993): carneador, salgador, servente, descarneador, graxeiro, sebeiro, chimango, charqueador, aprendiz, tripeiro, marinheiro, cozinheiro, carpinteiro, pedreiro, tanoeiro, lavadeiro(a), sapateiro, alfaiate, boleiro, carreteiro, carroceiro, ferreiro, barbeiro, padeiro, peixeiro, lustrador, serrador, engomador, correeiro, campeiro, roceiro, costureira, mucama.

Em Pelotas, a abolição da escravidão ocorreu no ano de 1884 e, segundo Peres (2002), deve ser creditada, principalmente, à crise que propagara-se nos setores periféricos da economia brasileira dependentes da mão-de-obra escrava, decorrente da escassez desses trabalhadores e seu consequente encarecimento.

A pesquisadora acredita que a economia saladeiril escravista de Pelotas encaminhava-se para um impasse, o que levou à busca de alternativas para o problema de mão-de-obra. A saída encontrada foi a adesão ao abolicionismo, mas estabelecendo-se uma prática que permitia aos charqueadores prolongar a exploração dos ex-escravos: a inclusão, nas cartas de alforria, de uma “cláusula de prestação de serviços”. Ela destaca o comentário de Cardoso (1977): a cláusula foi a “fórmula milagrosa que permitiu a ‘liberdade’ de 40.000 escravos em poucos meses, isto é, que permitiu aos senhores de escravos, durante um tempo, elidir a si próprios o grande problema do trabalho livre e esquivar-se das pressões dos anti ou a-escravagistas, pois todos aceitaram a abolição através dessa fórmula”.

Segundo Gutierrez (1994), o censo da população da Vila de São Francisco de Paula (Pelotas) no ano de 1833 registra que a população total era de 10.874 pessoas, sendo 62,1% de negros (51,7% escravos e 10,4% libertos), 36% de brancos e 1,6% de índios. O percentual de homens e mulheres escravos na vila seria, respectivamente, 71% e 29%.

O ARROIO PELOTAS

O Arroio Pelotas nasce na Encosta do Sudeste, no Município de Canguçu, a 550 m do nível do mar, e deságua no Canal São Gonçalo, que faz a ligação entre a Lagoa Mirim e a Laguna dos Patos, que possibilita ligação direta com o oceano Atlântico.

O Arroio Pelotas integra o ambiente charqueador pelotense vinculando-se à origem da formação da cidade, o que lhe confere um grande valor cultural, além da beleza natural da paisagem. Algumas sedes das antigas charqueadas ainda emolduram as margens do Arroio fundindo dois momentos da história da arquitetura: a linguagem luso-brasileira e a neocolonial.

Segundo estudos do pesquisador Sérgio Piedras (2005), o Arroio Pelotas é um importante manancial hídrico para o município de Pelotas e região, não só por seu valor histórico, mas também por sua importância como fonte de água para abastecimento público, já que dele são retirados cerca de 36 milhões de litros de água/dia para abastecimento da população pelotense (SANEP, 2005). As águas do Arroio Pelotas também são utilizadas para irrigação de lavouras de arroz desenvolvidas na região.

O Arroio Pelotas foi declarado integrante do Patrimônio Cultural do Estado do Rio Grande do Sul, pela Lei no 11.895/2003. Veja a reprodução de partes da justificativa, abordando os aspectos históricos, do projeto de lei 265/2002 de autoria do Deputado Bernardo de Souza que deu origem à lei.

*Arroio Pelotas
Foto: Diego Windmüller*



*Charqueada às margens do
Arroio Pelotas
Foto: acervo Secult*



TRECHOS DA JUSTIFICATIVA DO PROJETO DE LEI 265/2002

1. *A história e o nome de Pelotas se confundem com o Arroio Pelotas – seu ‘maior arroio, com uma extensão de 60 km’.*

(...)

3. *Sendo a cidade de Pelotas marco e símbolo da história, da economia e da cultura do Estado, conhecê-la é ‘compreender um dos momentos mais significativos do Rio Grande do Sul’.*

4. *O povoamento e a ocupação da região de Pelotas só ocorreram no final século XVIII (anos ‘setecentos’), no curso das lutas entre portugueses e espanhóis pelo domínio dos territórios meridionais do Brasil.*

(...)

11. *As embarcações que levavam o charque para alimentação dos escravos nordestinos, nos canaviais, voltavam carregadas de açúcar e permitiram, assim, a afirmação da tradição doceira de Pelotas. Foi, também, a partir das margens do Arroio Pelotas que se deu a conexão do Sul do Brasil com o resto do país e a Europa, para onde as embarcações iam carregadas de couro e charque, e de onde retornavam com mercadorias e novidades culturais, especialmente da França. A riqueza gerada pelas charqueadas às margens do Arroio Pelotas e a conexão náutica a partir daí permitiram o acesso a peças teatrais europeias (no teatro Sete de Abril), moda, móveis e costumes trazidos da França, fazendo da cidade uma expressão da cultura europeia no sul da América do Sul e dando-lhe, no final do século XIX, o ‘título’ de Paris da América*

*Charqueada São João
Foto: acervo Secult*



*Barris de sal no porto de Pelotas
Foto: acervo Arriada*



do Sul. Pelotas, entretanto, é conhecida, até hoje, como Princesa do Sul – cognome de origem controversa que, segundo recentes pesquisas históricas, tem origem, em 1863, na poesia 'Pelotas', de Antônio Soares da Silva.

12. *A grande riqueza gerada pelo charque logo fez aparecerem 'zelosos fiscais da Coroa', que se estabeleceram 'na confluência do São Gonçalo com o Arroio Pelotas'. O desenvolvimento econômico e o decorrente crescimento demográfico levaram ao Alvará de 7 de julho de 1812, pelo qual o Príncipe Regente D. João determinou a criação da Freguesia de São Francisco de Paula, no lugar denominado (obviamente, porque já conhecido como) Pelotas. Logo depois, em 1820, o pesquisador e historiador europeu St. Hilaire, quando esteve em Pelotas (e afirmou que 'tudo aqui anuncia abundância'), hospedou-se em casa (residência do charqueador Antônio José Gonçalves Chaves) localizada exatamente 'na costa do [arroio] Pelotas'.*

13. *Finalmente, em 1835, a Assembleia Legislativa Provincial do Rio Grande do Sul transformou em cidade a Vila de São Francisco de Paula, oriunda da antiga Freguesia de São Francisco de Paula, de que trazia, ainda, o nome – e, na mesma oportunidade (sessão de 18 de maio), deliberou dar-lhe o nome de Cidade de Pelotas.*

*Charqueada do Barão do Jarau
Foto: acervo Secult*





Charqueada São João
Foto: acervo Secult

Charqueada Santa Rita
Foto: Michael Kerr



Quem
Sabe
Rola?

Uma boa pedida é percorrer o Roteiro das Charqueadas e estar de perto. Proponha essa ideia na sua Escola. O legal é fazer esse programa em grupo, assim as possibilidades de troca de ideias e reflexão serão maiores e a diversão também!! Além dos aspectos históricos que delimitaram o roteiro, a paisagem natural é um atrativo imperdível.

Pelotas - Uma História Cultural

Unidade 2

A FORMAÇÃO DO NÚCLEO URBANO

Séries Finais
Ensino Fundamental



Catedral S. F. de Paula - antes da reforma

Imagem: Pelotas Memória - divulgação



FREGUESIA, VILA E CIDADE

COMO VIMOS, A ATIVIDADE DO CHARQUE CRESCEU ÀS margens dos arroios Pelotas, Santa Bárbara e do canal São Gonçalo, propiciando as condições sócio-econômicas necessárias para o surgimento de um novo povoado.

O historiador Eduardo Arriada (1994), em seu livro “Pelotas: Gênese e Desenvolvimento Urbano” esclarece que quando Pelotas, inicialmente chamada de São Francisco de Paula, foi elevada à categoria de freguesia, não apresentava ainda um núcleo urbano. Nessa época, o maior aldeamento era o Povo do Passo dos Negros, constituído às margens do São Gonçalo. A população adensava-se às margens do Arroio Pelotas e do Canal São Gonçalo, nas charqueadas, nas chácaras espalhadas pelas bordas e várzeas dos rios, ou, ainda, nos cruzamentos das estradas, onde se localizavam as vendas e os botecos.

Em 1813, depois de inúmeras discussões entre os moradores sobre a localização da cidade e a construção da igreja, surgiram três opções para instalação do povoado, que foram:

a **primeira**, no Laranjal; a **segunda**, no lugar onde está localizado o Asilo de Nossa Senhora da Conceição e a **terceira**, nos terrenos do capitão-mor Antonio Francisco dos Anjos, onde foi construída a capela da freguesia, atual Catedral São Francisco de Paula.

Foi, portanto, ali, no entorno da Catedral, atual Praça José Bonifácio, que surgiram as primeiras casas e arruamentos de nossa cidade.

Canal São Gonçalo

Foto: Laureano Bitencourt / acervo Secult



Já no início da década de 1830, as condições sócio-econômicas, o crescimento populacional e a urbanização de Pelotas constituíram condições suficientes para a implantação da vila. Assim, conforme Fernando Osório (1997), em 7 de dezembro de 1830, por decreto imperial, a freguesia de São Francisco de Paula foi elevada à categoria de vila, mas sua instalação ocorreu efetivamente em 7 de abril de 1832, iniciando uma nova etapa da vida municipal, com o estabelecimento de uma Câmara Municipal.

Em 1832, o engenheiro Eduardo Kretschmer construiu a ponte sobre o Rio Piratini e, em 1833, realizou o trabalho de desobstrução do Canal São Gonçalo. Após esses dois trabalhos, foi contratado para fazer o levantamento da planta da cidade que efetuou no ano de 1834. Nesse plano da cidade, foi constatado que Pelotas possuía 544 prédios, identificados com os códigos formais do Período Colonial e caracterizados pela rígida padronização dos lotes, carência de materiais e primitivas técnicas construtivas (Schlee, 1994).

Em 1834, o Primeiro Código de Posturas da Vila de São Francisco de Paula estabeleceu os limites urbanos, esgotamento de pântanos, asseio de currais, saúde pública, cemitérios, limpeza das ruas e praças, casas de negócios, nivelamento e alinhamento de ruas, atuação dos boticários, venda de gêneros e outras matérias pertinentes ao bom andamento da vida urbana (Gutierrez, 1999).

Havia neste momento um crescimento econômico e

Casarões 02, 06 e 08
Imagem: acervo Secult



Rua Major Cícero
Foto: Diego Windmüller



Rua 15 de Novembro
Foto: Diego Windmüller



Rua Voluntários da Pátria
Foto: Diego Windmüller



Rua Félix da Cunha - início do Séc. XX
Imagem: acervo Secult



Rua Miguel Barcelos
Foto: Diego Windmüller



populacional e uma organização urbana, estando a vila pronta para ascender à condição de cidade. Em 27 de junho de 1835, por decreto do Presidente da Província, a vila São Francisco de Paula foi elevada à categoria de cidade, com o nome de Pelotas.

Nessa época, segundo dados pesquisados por Arriada (1994), a população era de 12.425 habitantes, 5.467 localizados na zona urbana, e existiam 781 habitações urbanas. No primeiro censo realizado, em 1814, a população era de 2.419 habitantes; em 1822, a população atingiu 3.400 habitantes; e, segundo Alberto Coelho da Cunha, no ano de 1830, na ainda Freguesia, a população era de aproximadamente 4.300 habitantes, mais de 3.000 concentrados na povoação, que contava com cerca de 500 casas.

Outro dado interessante apresentado por Arriada (1994) refere-se ao fato de que, em 1835, o Rio Grande do Sul tinha apenas três cidades: Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas.

EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO DE PELOTAS - PRIMEIROS ANOS

Ano	População	Zona Urbana	Habitações
1814	2.419	ND*	ND*
1822	3.400	ND*	ND*
1830	4.300	3.000	500
1835	12.425	5.467	781

* ND - dados não disponíveis

Casarão na rua Gonçalves Chaves
Foto: acervo Secult



Casarão na rua Gonçalves Chaves
Foto: Diego Windmüller



O PRIMEIRO LOTEAMENTO

Em sua dissertação de mestrado “O Eclétismo na Arquitetura de Pelotas até as décadas de 30 e 40”, Andrey Schlee (1994) relata que, em 1815, para resolver uma série de problemas de posse de terra e pagamento de lotes, elaborou-se o que se pode chamar de “a primeira planta da zona urbana de Pelotas” realizada por Maurício Ignácio da Silveira. A primeira planta de Pelotas “nada mais era do que a distribuição, em traçado xadrez, de sete ruas no sentido leste-oeste e doze no norte-sul.”

Ceres Chevallier (2002), em seus estudos sobre a obra de José Isella, assinala que as primeiras 19 ruas traçadas seguiram os rumos dos pontos cardeais e relembra os nomes originais das ruas e sua atual correspondente.

NA DIREÇÃO NORTE-SUL, AS 12 LONGITUDINAIS ERAM:

- Rua da Boa Vista (atual Rua Marcílio Dias)
- Rua das Lavadeiras (atual Rua Professor Araújo)
- Rua da Lagoa (atual Rua Santos Dumont)
- Rua do Açougue (atual Rua Barão de Santa Tecla)
- Rua Santa Bárbara (atual Rua Marechal Deodoro)
- Rua Augusta (atual Rua General Osório)
- Rua das Flores (atual Rua Andrade neves)
- Rua São Miguel (atual Rua XV de Novembro)
- Rua da Igreja (atual Rua Padre Anchieta)
- Rua do Comércio (atual Rua Félix da Cunha)
- Rua Alegre (atual Rua Gonçalves Chaves)
- Rua das Fontes (atual Rua Almirante Barroso)

NA DIREÇÃO LESTE-OESTE, AS 7 TRANSVERSAIS ERAM:

- Rua da Palma (atual Rua General Neto)
- Rua da Horta (atual Rua Voluntários da Pátria)
- Rua do Padeiro (atual Rua Doutor Cassiano)
- Rua do Torres (atual Rua Major Cícero)
- Rua Santo Antonio (atual Rua Senador Mendonça)
- Rua da Vigia (atual Rua General Argolo)
- Rua do Passeio Público (atual Avenida Bento Gonçalves)

Edificação na Rua Major Cícero

Foto: acervo Secult



Foto aérea da região do primeiro loteamento. Ao centro, a Catedral S. F. de Paula

Foto: Laureano Bitencourt / acervo Secult



Cúpula da Catedral São Francisco de Paula

Foto: Diego Windmüller



Rua General Argolo (1928)

Imagem: Pelotas Memória - divulgação



A partir do primeiro arruamento delineado por Maurício Ignácio da Silveira em terras de Antônio Francisco dos Anjos, a nova Freguesia foi ampliando-se, seguindo o mesmo traçado reticulado. Aproveitando os terrenos mais secos e altos, atingiu as terras de Mariana Eufrásia da Silveira. De acordo com Arriada (1994), Mariana Eufrásia da Silveira recebeu essas terras do governador Diogo de Souza, com a obrigação de ceder terrenos para a construção de obras públicas. Foram doados os terrenos onde hoje se situa a Praça Coronel Pedro Osório, um local para a nova igreja, o quartel e o hospital, sendo loteados os demais. Arriada (1994) relata, ainda, que o terreno doado para a nova igreja, jamais construída, é o espaço compreendido entre as atuais travessas Conde de Piratini e Ismael Soares. Os terrenos que se destinavam ao hospital e ao quartel abrigam

atualmente a Escola Eliseu Maciel, a Prefeitura Municipal e a Biblioteca Pública. Havia também um espaço previsto para a Estrada dos Gados, que resultou na rua Barão de Santa Tecla, e partes demarcadas para Logradouro Público, onde depois se construiu a Santa Casa de Misericórdia.

Catedral São Francisco de Paula

Foto: acervo Secult



Foto aérea da região da Rua Barão de Santa Tecla. Ao centro, Praça Piratinino de Almeida e Santa Casa de Misericórdia
Foto: Rafael Amaral



O SEGUNDO LOTEAMENTO

A Freguesia cresceu rumo ao Canal São Gonçalo e o Arroio Santa Bárbara, em direção às terras de Mariana Eufrásia da Silveira, “num segundo projeto em torno de 1830, as ruas longitudinais prolongaram-se na direção do São Gonçalo, acrescentando-se à planta 15 transversais, da rua 7 de Setembro até à Barão de Mauá”. (Magalhães, 1994).

Praça Cel. Pedro Osório (1914)

Imagem: acervo Arriada



AS NOVAS TRANSVERSAIS, NO SENTIDO LESTE-OESTE, CHAMARAM-SE:

- Rua do Poço (atual Rua Sete de Setembro)
- Rua São Jerônimo (atual Rua Marechal Floriano)
- Rua São Francisco (atual Rua Princesa Isabel)
- Rua Hércules (atual Rua Lobo da Costa/oeste)
- Rua São Paulo (atual Rua Lobo da Costa/leste)
- Rua Martins Coelho (atual Rua Tiradentes)
- Rua Rolim (atual Rua General Telles)
- Rua Fabiano Pinto (atual Rua Dom Pedro II)
- Rua do Castro Formosa (atual Rua Três de maio)
- Rua Alferes Inácio (atual Rua Gomes Carneiro)
- Rua Francisca Eulália (atual Rua Uruguai)
- Rua João Alves Pereira (atual Rua Almirante Tamandaré)
- Rua da Indígena (atual Rua Benjamin Constant)
- Rua Canarim (atual Rua Conde de Porto Alegre)
- Rua da Olaria (atual Rua João Manoel)

Detalhe - Fonte das Nereidas

Foto: Diego Windmoller



Detalhe - Fonte das Nereidas

Foto: Diego Windmoller



Convencionou-se chamar de “primeiro loteamento” (1815) o realizado nas terras de Antônio dos Anjos, no entorno da Catedral, e de “segundo loteamento” (1832) o que ocorreu sobre as terras de Mariana Eufrásia da Silveira, no entorno da Pça Cel. Pedro Osório. Assim, quando a freguesia efetivamente atingiu a condição de vila, a povoação já se projetava em direção ao Porto.

A TRAJETÓRIA DA PRESERVAÇÃO EM PELOTAS

Restauração do Casarão 02

Foto: acervo Secult



Restauração do Mercado Central

Foto: acervo Secult



Restauração do Casarão 02

Foto: acervo Secult



Fazendo um paralelo com a história da preservação em nível nacional, podemos dizer que Pelotas construiu sua memória preservacionista seguindo as mesmas premissas e os mesmos conceitos adotados no restante do país. As primeiras ações efetivamente instituídas reportam-se ao tombamento de bens imóveis e, assim como ocorreu em todo território nacional, o reconhecimento desses bens como patrimônio cultural deu-se pelo seu caráter de monumento arquitetônico. Com a ampliação do conceito de patrimônio, favorecido pelo processo de democratização e inclusão da sociedade nas práticas de políticas públicas, é que o caráter urbano e o valor de conjunto foram inseridos neste contexto (ALMEIDA; BASTOS, 2005).

Em Pelotas, o órgão responsável pelo acervo arquitetônico, histórico e cultural é a Secretaria Municipal de Cultura, que trata da documentação, conservação e proteção destes bens, buscando a sua valorização e revitalização, resgatando a identidade e a memória pelotense.

As ações de inventário e preservação também são de responsabilidade desta secretaria, que orienta proprietários e responsáveis técnicos em projetos e intervenções em prédios históricos (inventariados ou tombados) e em seu entorno, analisando as suas condições, indicando diretrizes e autorizando incentivos fiscais, como a isenção de IPTU.

O município de Pelotas apresenta uma longa trajetória de debates e ações relativos à preservação de seu patrimônio cultural. Desde a década de 80 estas questões integram a legislação do município, que é pioneiro na criação de uma lei específica para a proteção dos imóveis inventariados, lei nº. 4568, de 07 de julho de 2000.

A Secretaria Municipal de Cultura, em parceria com o IPHAN e a sociedade pelotense, vem trabalhando na consolidação da preservação do patrimônio histórico e cultural de Pelotas, através de ações de guarda do patrimônio cultural material e imaterial da cidade.

Casarão 02 - antes e depois
Fotos: acervo Secult



Paço Municipal - antes e depois
Fotos: acervo Secult



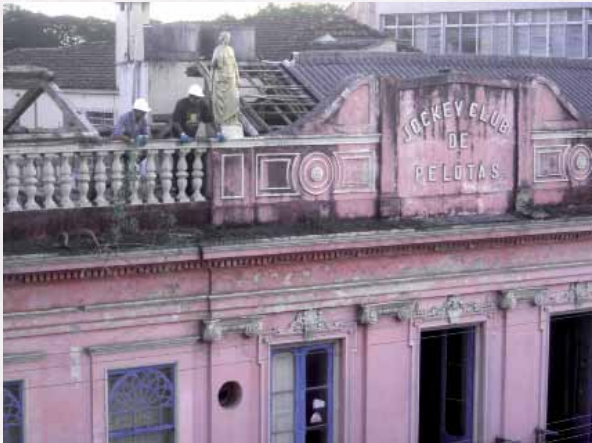
Grande Hotel - antes e depois
Fotos: acervo Secult



*Antiga Escola de Agronomia Eliseu Maciel - antes e depois
Fotos: acervo Secult*



*Antiga sede do Jockey Club de Pelotas - antes e depois
Fotos: Diego Windmüller*



*Detalhe da Biblioteca Pública - antes e depois
Fotos: esq.: acervo Secult / dir.: Diego Windmüller*



A seguir destacam-se os principais instrumentos legais municipais e estaduais que possibilitam ações preservacionistas no município e reconhecem suas características patrimoniais:

MUNICIPAIS

- **Lei Municipal nº 2565/ 1980** - II Plano Diretor de Pelotas - introduz em nível municipal os primeiros conceitos de preservação, destacando a necessidade da criação de Zonas de Preservação (ZPPCs) e do Cadastramento dos Imóveis inventariados como patrimônio cultural do município. Cabe destacar que somente 20 anos mais tarde é que estas ações foram efetivamente postas em prática;

- **Lei Municipal nº 2708/ 1982** - dispõe sobre a proteção do patrimônio histórico e cultural do município de Pelotas e, entre outras providências, cria o COMPHIC - Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural e institui o tombamento em nível municipal;

- **Lei Municipal nº 3660/1993** - Inclui no Patrimônio Histórico do Município de Pelotas a Ilha da Feitoria e sua adjacência;

- **Lei Municipal nº 4568/2000** - declara áreas da cidade como Zonas de Preservação do Patrimônio Cultural de Pelotas - ZPPCs - lista seus bens integrantes e indica outras providências. Esta lei, que apresenta o controle e o regramento para preservação dos prédios integrantes do Inventário, é o atual instrumento legal utilizado pelo poder público.

- **Lei Municipal nº 4663/2001** - declara bem imaterial integrante do Patrimônio Cultural de Pelotas as festas de comemoração alusiva e Iemanjá;

- **Lei Municipal nº 4740/2001** - reconhece o Hipódromo da Tablada como bem integrante do Patrimônio Histórico Cultural de Pelotas;

- **Lei Municipal nº 4878/2002** (Lei do IPTU - atual 5146/2005) - prevê a possibilidade de isenção de IPTU aos imóveis integrantes do Inventário.

- **Lei Municipal nº 4977/2003** - institui o Roteiro das Charqueadas como referência cultural e indica outras providências;

- **Lei Municipal nº 5085/2004** - declara bem imaterial integrante do Patrimônio Cultural do município a Sociedade Musical União Democrata;

- **Lei Municipal nº 5128/2005** - declara bem material integrante do Patrimônio Cultural do município a Sala Luis Curi Hallal, do Colégio Municipal Pelotense;

- **Lei Municipal nº 5223/2006** - dispõe sobre a reestruturação do Conselho Municipal de Cultura, CONCULT, possibilitando a reativação de suas atividades;

- **Lei Municipal nº 5268/2006** - declara bem material integrante do Patrimônio Cultural do município a Academia Pelotense de Letras;

- **Lei Municipal nº 5522/2008** - declara bem imaterial integrante do Patrimônio Cultural do município o Teatro Escola de Pelotas;

- **Lei Municipal nº 5502/2008** - III Plano Diretor de Pelotas .

ESTADUAIS

- **Lei Estadual nº 11377/1999** - declara integrante do patrimônio cultural do estado a casa que pertenceu ao escritor João Simões Lopes Neto;

- **Lei Estadual nº 11499/ 2000** - declara integrantes do patrimônio cultural do estado áreas históricas da cidade de Pelotas;

- **Lei Estadual nº 11895/ 2003** - declara integrante do patrimônio cultural do Estado o Arroio Pelotas;

- **Lei Estadual nº 11919/ 2003** - declara integrantes do patrimônio cultural do Estado os doces artesanais de Pelotas;

- **Lei Estadual nº 12673/ 2006** - declara integrante do patrimônio cultural do Estado a União Gaúcha João Simões Lopes Neto;

- **Lei Estadual nº 12673/ 2007** - declara integrante do patrimônio cultural do estado a grupo Oficina Permanente de Técnicas Circenses – OPTC – de nome artístico Grupo Tholl.

Residência de Maria M. Paiva (atual Jockey Club)

Imagem: Pelotas Memória - divulgação



Residência de Bruno Chaves - Embaixador de Viena

Imagem: Pelotas Memória - divulgação



Rua Benjamin Constant (década de 1930)

Imagem: Pelotas Memória - divulgação



Escola João Affonso (atual Academia Pelotense de Letras)

Imagem: Pelotas Memória - divulgação



Estação Férrea

Imagem: Pelotas Memória - divulgação



Club Caixeiral (na época, ainda com as duas torres)

Imagem: Pelotas Memória - divulgação



Clube Comercial (1914)

Imagem: Pelotas Memória - divulgação



Igreja Luterana Alemã (1932)

Imagem: Pelotas Memória - divulgação



Interior de Bonde Elétrico

Imagem: Pelotas Memória - divulgação



Bonde Elétrico

Imagem: Pelotas Memória - divulgação



Paço Municipal e Biblioteca Pública
(ainda com apenas 1 pavimento).

Imagem: Pelotas Memória - divulgação



Grupo Escolar Dr. Joaquim Assumpção
(1928)

Imagem: Pelotas Memória - divulgação



Rua Félix da Cunha, esquina Praça da República (atual Cel. Pedro Osório)
Imagem: Pelotas Memória - divulgação



Santa Casa de Misericórdia - aquarela de Dominique Pineau (1883)
Imagem: Pelotas Memória - divulgação



Panorama da Praça da República (atual Cel. Pedro Osório)
Imagem: acervo - Mogar Xavier



Entorno da Pça Cel. Pedro Osório (1988)
Imagem: acervo Secult



Calçada da Rua 15 de Novembro (1988)
Imagem: acervo Secult



Chafariz das Três Meninas (década de 1990)
Imagem: acervo Secult



Laranjal (década de 1990)
Imagem: acervo Secult



Entorno da Pça. Cel. Pedro Osório (dias atuais)
Foto: Diego Windmöller



Residência de Bruno Chaves (dias atuais)
Foto: Diego Windmöller



Detalhe do teto da Biblioteca Pública
Pelotense
Foto: Diego Windmöller



Rua Sete de Setembro esquina com
Rua Félix da Cunha
Foto: Diego Windmöller



Casas do entorno da Catedral São
Francisco de Paula.
Foto: Diego Windmöller



Residência de Yolanda Pereira, Miss
Univero de 1930.
Foto: Diego Windmöller



ZONAS DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL – ZPPCs

As ZPPCs foram delimitadas seguindo o processo de formação e desenvolvimento urbano de Pelotas e representam os primeiros loteamentos executados na cidade.

A divisão da cidade por Zonas de Preservação do Patrimônio Cultural reconhece os elementos históricos, arquitetônicos e culturais de cada núcleo urbano e pretende manter a integridade da paisagem urbana.

ZPPC 1 – Sítio do 1º Loteamento

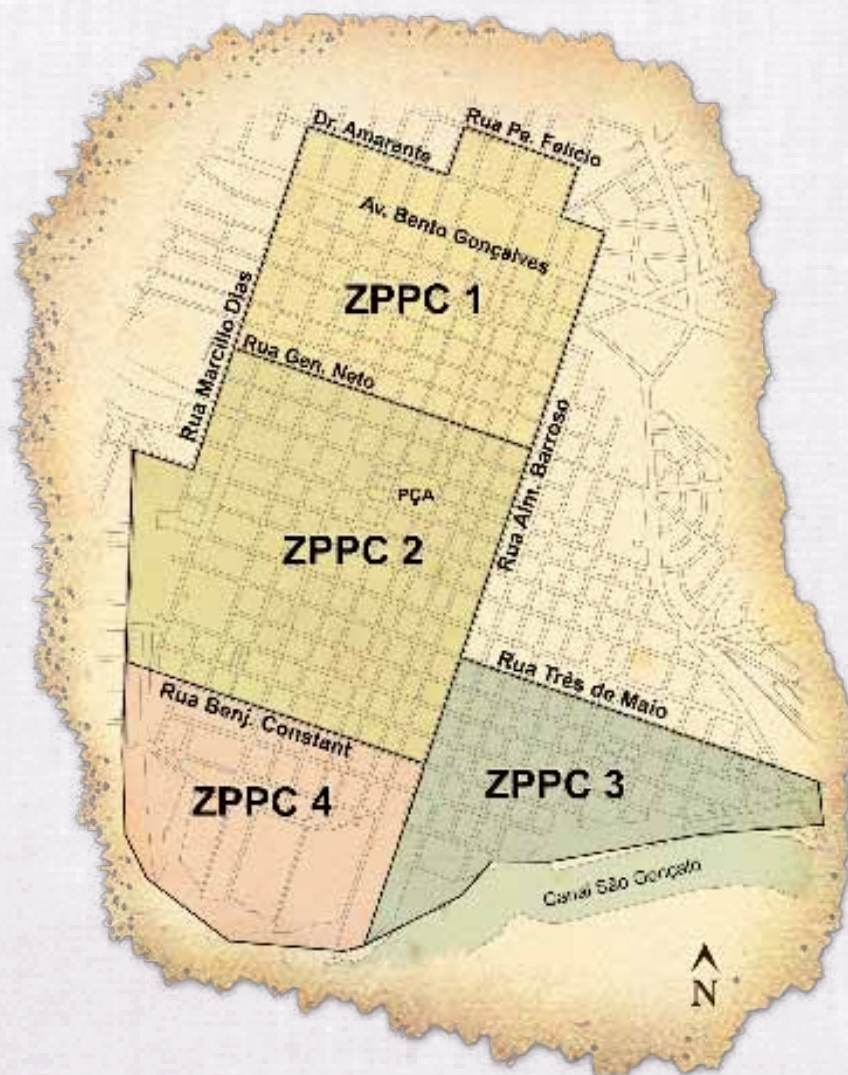
ZPPC 2 – Sítio do 2º Loteamento

ZPPC 3 – Sítio do Porto

ZPPC 4 – Sítio da Caieira

Pça Cel. Pedro Osório no início do Século XX

Imagem: Pelotas Memória - divulgação



TOMBAMENTOS E INVENTÁRIO EM PELOTAS

Como já vimos anteriormente, o tombamento é um ato legal de proteção do Patrimônio Cultural, no qual se incluem: arquitetura, mobiliário, espaços urbanos e até mesmo objetos.

Através do tombamento, fica garantida a preservação integral de bens culturais que não poderão, depois de tombados, ser demolidos ou descaracterizados.

Os bens tombados, especialmente os arquitetônicos, podem e devem sofrer obras de melhoria, desde que acompanhados por profissionais especializados. Portanto, um prédio tombado tem garantida a permanência de suas características internas e externas.

Cabe destacar que, em Pelotas, durante o período de atuação do Conselho Municipal (COMPIC), foram analisados 10.000 prédios, dos quais 1189 foram cadastrados no inventário e 236 tombados provisoriamente, em 1987.

Destes, somente 16 receberam o tombamento definitivo: 11 municipais, 1 estadual e 4 federais.

TOMBAMENTO EM NÍVEL FEDERAL

Caixa D'Água
Foto: acervo Secult



Casarão 08
Foto: acervo Secult



Casarão 06
Foto: acervo Secult



Theatro Sete de Abril
Foto: acervo Secult



Casarão 02
Foto: acervo Secult



Obelisco Republicano
Foto: acervo Secult



TOMBAMENTO EM NÍVEL ESTADUAL

Casa da Banha

Foto: acervo Secult



TOMBAMENTO EM NÍVEL MUNICIPAL

Solar da Baronesa

Foto: acervo Secult



Solar do B. da Conceição

Foto: acervo Secult



Esc. Agr. Eliseu Maciel

Foto: acervo Secult



Jockey Club de Pelotas

Foto: Diego Windmöller



Estação Férrea

Foto: acervo Secult



Ponte Arroio Sta. Bárbara

Foto: acervo Secult



Paço Municipal

Foto: acervo Secult



Mercado Central

Foto: acervo Secult



Grande Hotel

Foto: acervo Secult



Conservatório de Música - UFPel

Foto: acervo Secult



Clube Comercial

Foto: acervo Secult



Escola de Belas Artes

Foto: acervo Secult



MAPA DE LOCALIZAÇÃO DOS PRÉDIOS TOMBADOS



LEGENDA:



- 01 Casarão Dr.
- 02 Casarão Dr.
- 03 Casa do Dr.
- 04 Grande Hotel
- 05 Praça Municipal
- 06 Est. Agr. Eliseu Maciel
- 07 Mercado Público



- 08 Casa da Família
- 09 Hotel Santa Helena
- 10 Jockey Clube
- 11 Casa da Família do Morador
- 12 Clube Comercial
- 13 Solar B. do Conceição



- 14 Casa D'Água
- 15 Escola de Artes
- 16 Forte Amélia Sta. Bárbara
- 17 Estádio Francisco de Aguiar
- 18 Museu Republicano
- 19 Est. de Ba. Unidos

● Tombamento a Nível Estadual

● Tombamento a Nível Federal

● Tombamento a Nível Municipal

O inventário do patrimônio cultural em Pelotas está regulamentado pela lei nº 4568/2000, que resguarda as fachadas públicas e a volumetria dos bens integrantes do inventário, sendo permitidas alterações internas.

Os imóveis cadastrados no inventário do patrimônio cultural atualmente somam mais de 1700 prédios, que estão, na sua maioria, localizados nas zonas de preservação.

O inventário contempla prédios com características tradicionais e de grande imponência na paisagem urbana, como a Biblioteca Pública Pelotense e o Clube Caixeral, assim como edificações mais modestas, moradias e locais de trabalho da sociedade pelotense, principalmente do início do século XX, como as apresentadas nas imagens a seguir.

*Sta. Casa de Misericórdia
Foto: acervo Secult*



*Biblioteca Pública Pelotense
Foto: Diego Windmöller*



*Clube Caixeral
Foto: acervo Secult*



*Exemplares da arquitetura pelotense
Fotos: acervo Secult*



INCENTIVO

Como forma de incentivo à preservação dos imóveis integrantes do inventário, o poder público oferece aos proprietários de prédios históricos a isenção de pagamento do Imposto Predial e Territorial Urbano – IPTU.

Este benefício é concedido aos imóveis integrantes do inventário desde 2003 e, a partir desta data, é crescente o número de adeptos ao processo de recuperação de seus imóveis, podendo já se perceber grandes melhorias nas fachadas dos prédios.

*Exemplares da arquitetura pelotense
Fotos: acervo Secult*



IMÓVEIS INVENTARIADOS - ANTES E DEPOIS

Rua 15 de Novembro, 207
Foto: acervo Secult



Rua General Neto, 1006
Foto: acervo Secult



Rua Gonçalves Chaves, 763
Foto: acervo Secult



Rua 15 de Novembro, 665
Foto: acervo Secult



Praça José Bonifácio, 01
Foto: acervo Secult



Rua Dr. Cassiano, 2098
Foto: acervo Secult



Rua Marechal Deodoro, 508 - 510
Foto: acervo Secult



Rua Marechal Deodoro, 659 - 661
Foto: acervo Secult



POTENCIALIDADES E DESENVOLVIMENTO

O Patrimônio Cultural é um potencial de desenvolvimento sócio-econômico que possibilita inúmeras ações e empreendimentos que podem propiciar a geração de emprego e renda e dinamizar a economia local.

Em Pelotas, pode-se destacar o potencial turístico presente no acervo cultural tanto histórico e arquitetônico-urbano com também no ambiental e nas práticas sociais.

Para que estas ações sejam consolidadas, são necessárias parcerias entre iniciativa pública e privada que viabilizem e promovam a preservação e revitalização de áreas com potencial patrimonial.

A Secretaria Municipal de Cultura, através da Diretoria Memória e Patrimônio Cultural - DIMPAC - aponta quatro áreas com potenciais de desenvolvimento:

- o centro histórico da cidade;
- a zona portuária e seu entorno;
- a estação férrea e seu entorno;
- as margens do Arroio Pelotas.

Centro Histórico

A recuperação do centro histórico, que está em processo de execução através do Programa Monumenta, tem por objetivo a preservação de áreas prioritárias do patrimônio histórico e artístico urbano. Inclui espaços públicos e edificações, de forma a garantir sua conservação e a intensificação de seu uso pela população. Neste processo, adota-se o princípio da sustentabilidade, ou seja, o prédio recuperado deve ter um uso que dê retorno financeiro e permita sua manutenção ao longo do tempo. Além disso, influencia-se positivamente outras ações preservacionistas e estimula-se a proteção do patrimônio em geral.

*Antiga sede do Banco do Brasil
Foto: acervo Secult*



*Exemplo de arquitetura com
influência alemã
Foto: acervo Secult*



*Entorno da Praça Cel. Pedro Osório
Foto: Diego Windmöller*



Arquitetura da Zona Portuária
Foto: acervo Secult



Galpões do Porto de Pelotas
Foto: acervo Secult



Fachada da Estação Férrea
Foto: Michael Kerr



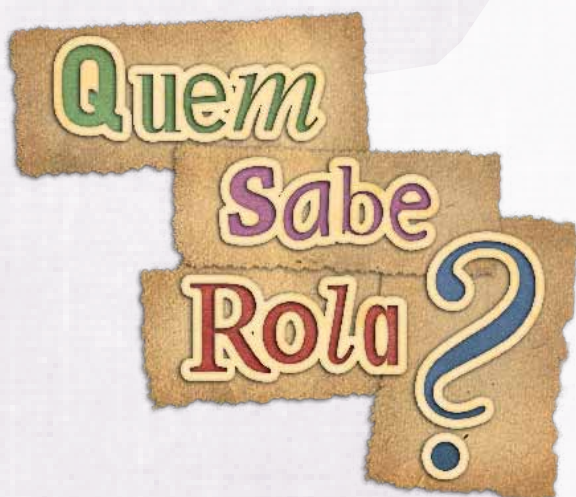
Zona Portuária

Constitui um pólo de desenvolvimento na área da educação e da habitação, devido à implantação do campus universitário da Universidade Federal de Pelotas e do PAR-Porto, condomínio residencial que aumentou a densidade da área. Também são características favoráveis ao desenvolvimento da área: a boa infraestrutura já instalada, a existência de prédios em estado de subutilização de áreas abandonadas que compõem um conjunto de elevado potencial para a reutilização, assim como a beleza natural do cais do Porto.

Estação Férrea

Devido à sua localização privilegiada na malha urbana, servindo de ligação entre os bairros Simões Lopes e Centro, a área tem potencial para um pólo de cultura e lazer, aproveitando a estrutura existente e podendo caracterizar-se como um parque urbano.

A preservação deste espaço justifica-se pelo seu valor histórico. A linha férrea em Pelotas, por muito tempo, serviu como limite urbano, contornando a área central. A partir da década de 80, a praça da Estação Férrea passou a ser ocupada como terminal rodoviário, impedindo a visualização do prédio, que é ponto de referência histórica e arquitetônica.



Você já pensou em dar uma volta pelo centro e prestar atenção aos prédios antigos? Olhar com atenção os detalhes das fachadas? Observar os diversos estilos? Conhecer cada rua que compõe as ZPPCs? Tente imaginar o cenário urbano do início do século XX. Resgate fatos históricos daquele período. Convide alguém da sua família para fazer esse passeio com você, ou então sugira que sua escola organize uma programação de visitas.

RETOMANDO OS PRINCIPAIS ASPECTOS

Desde a fundação da freguesia de São Francisco de Paula até os dias de hoje, criou-se em Pelotas um dos mais ricos patrimônios culturais e arquitetônicos do Brasil. São casas, edifícios públicos, ruas, praças e monumentos de diferentes estilos arquitetônicos, que definiram o espaço da cidade de acordo com as necessidades de sua comunidade.

Pelotas atinge o auge de seu desenvolvimento econômico na segunda metade do século XIX. A consolidação dos charqueadores como grupo dominante viabilizou a construção de uma cidade com prédios de excelente qualidade e linguagem arquitetônica.

As novas construções ou reformas visavam eliminar as características coloniais do casario que compunha a cidade, que passava a ser associado à ideia de atraso. Através do forte contato mantido com a Europa, principalmente Paris, o pequeno núcleo colonial se transformou em um próspero povoado, segundo os moldes do ecletismo europeu.

Atualmente, podemos identificar, na

Theatro Guarany
Foto: Rafael Amaral



Casarão de J. de Assumpção - atual Fac. de Turismo
Foto: acervo Secult



Detalhe Casarão 06
Foto: acervo Secult



Sede do Clube Centro Português
Foto: acervo Secult



Detalhe da antiga Esc. Agr. Eliseu Maciel
Foto: acervo Secult



Fachada do Theatro Guarany
Foto: acervo Secult



Detalhe Grande Hotel
Foto: acervo Secult



arquitetura, as duas principais correntes histórico culturais de formação da cidade de Pelotas: uma que representa o período colonial, às margens do Arroio Pelotas, onde se localizam as charqueadas; outra representativa do período eclético, localizada no centro histórico da cidade.

Assim, o traçado urbano e a arquitetura determinam uma espacialidade que, na convivência da população com a cidade, passaram a ser parte da história, devendo ser conhecida e preservada, para resguardar o passado, participar do presente e construir o futuro.

Foram esses antecedentes culturais que deram cor local à formação da cidade. Fizeram-na, em certos aspectos, bem diversa das demais cidades do Rio Grande do Sul, enfim, nos atribuíram IDENTIDADE CULTURAL.

Exemplar da Arquitetura Pré-Moderna
Foto: acervo Secult



Exemplar da Arquitetura Eclética
Foto: acervo Secult



Santa Casa de Misericórdia
Foto: acervo Secult



Exemplares arquitetônicos diversos
Fotos: acervo Secult



Perfil arquitetônico Rua Dom Pedro II
Imagem: acervo Secult



Perfil arquitetônico Rua Andrade Neves
Imagem: acervo Secult



*Praça Cel. Pedro Osório
Foto: Diego Windmüller*



*Praça Cel. Pedro Osório
Foto: Rafael Amaral*



*Foto aérea - região central
Foto: Laureano Bitencourt - acervo Secult*



*Foto aérea - região central
Foto: Laureano Bitencourt - acervo Secult*



*Foto aérea - região central
Foto: Rafael Amaral*



*Foto aérea - região central
Foto: Rafael Amaral*



*Antiga Estação Férrea de Pelotas
Foto: Michael Kerr*



*Mercado Público
Foto: Rafael Amaral*



*Praça Cel. Pedro Osório
Foto: Diego Windmüller*



*Fonte das Nereidas
Foto: Rafael Amaral*



*Grande Hotel
Foto: Rafael Amaral*



*Charqueada Santa Rita
Foto: Diego Windmüller*



*Igreja Luterana Alemã
Foto: Diego Windmüller*



*Detalhe da Fonte das Nereidas
Foto: Rafael Amaral*



Pelotas - Uma História Cultural

Unidade 2

A ZONA RURAL

Séries Finais
Ensino Fundamental



EM SEU ARTIGO SOBRE O DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO NA zona rural de Pelotas Rejane Cruz Teixeira (2004) descreve que essa zona de Pelotas apresenta maior número de imigração alemã, seguida da italiana, apresentando, também, imigração francesa, austríaca, portuguesa e canariana, o que a faz tornar-se uma fonte de culturas coloniais, artesanatos, arquiteturas, gastronomias e atividades diversas segmentadas. Estas atividades culturais introduzidas pelas famílias de imigrantes preservam suas raízes e constroem nossa cultura local.

Na colônia também encontramos as mais exuberantes paisagens naturais, com corredeiras, cachoeiras, pousadas, cafés coloniais, campings, trilhas e programas ecológicos.

A zona rural de Pelotas, rica em terras férteis e em matas da região serrana, despertou interesse nos abastados charqueadores, estancieiros e comerciantes pelotenses no século XIX, após o domínio e exploração da região de planície.

Os objetivos principais eram a extração da madeira e a formação de pequenas lavouras, ambas as atividades baseadas na mão-de-obra escrava.

Os primeiros imigrantes alemães chegaram na então

Paisagem da colônia
Foto: Diego Windmöller



Arquitetura típica da colônia
Foto: acervo Secult



Província de São Pedro do Rio Grande no dia 25 de julho de 1824, e a primeira colônia alemã foi fundada em 1868, denominada Colônia Arroio do Padre, por Augusto Gerber e Guilherme Baner. Em 1900, era composta de 74 lotes, com 67 famílias alemãs e um total de 385 pessoas.

A única colônia italiana oficial do Rio Grande do Sul, conhecida como Vila Maciel, foi fundada na zona rural de Pelotas em 1885, pelo Governo Imperial. Em 1900, já possuía 65 lotes com 55 famílias e 343 pessoas, todas italianas. Trouxeram tradições, como cultivo de uvas e produção de vinho, jogo de bocha e o jogo de mora, o qual desapareceu no governo Getúlio Vargas.

Alemães e italianos foram proibidos de falarem suas línguas e manterem tradições culturais até o fim da Segunda Guerra Mundial e das turbulências do Estado Novo.

Devido à distância entre a zona rural e a zona urbana ser pequena, os produtores rurais conseguiam comercializar seus produtos diretamente no mercado, sem atravessadores. Vendiam aos exportadores, aos próprios consumidores, evitando a exploração dos intermediários.

É realmente muito escassa a bibliografia a respeito da história das imigrações na zona rural de Pelotas, o que impossibilita sabermos sobre a história real de todos esses imigrantes que aqui chegaram e construíram suas vidas e seus empreendimentos, que tanto contribuíram com a formação da nossa cidade.

A região rural de Pelotas

Banhado
Foto: Diego Windmüller



Casas na colônia
Foto: acervo Secult



Figueira na Vila Cascata
Foto: Diego Windmüller



E. M. Benjamin M. Amarante
Foto: acervo Secult



possui paisagens pitorescas da encosta da Serra do Sudeste e da Serra dos Tapes, é cheia de arroios e cachoeiras, e suas terras favorecem a produção agrícola. A forte influência das colonizações italiana, francesa, alemã e pomerana desenvolveu uma rica culinária, com ênfase na produção artesanal de doces e conservas. Além da gastronomia, existe uma forte tradição dos costumes desses povos, manifestada através de sociedades, clubes sociais, festas e eventos típicos.

Quem
Sabe
Rola?

Nossa cidade teve sua identidade formada pela contribuição de muitas culturas trazidas pelos imigrantes europeus e os cativos africanos, sem esquecer dos indígenas, a nossa cultura nativa. Atualmente, muitos pelotenses migram para outras terras em busca de novas e melhores oportunidades em diversas áreas, situação inversa ao compararmos com o fluxo migratório que ocorreu no passado da nossa cidade. Você já parou para pensar o que esses imigrantes pelotenses levam da nossa cultura para os lugares onde vão viver?

Pelotas - Uma História Cultural

Unidade 2

RECURSOS HÍDRICOS

Séries Finais
Ensino Fundamental



Vila Cascata
Foto: Diego Windmöller



EM SUA MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO – “As Zonas Úmidas no contexto da Agenda 21: O estudo do Núcleo de Educação Ambiental da orla da Laguna dos Patos como instrumento de educação ambiental” – Cíntia Barenho (2005) relata que a planície costeira onde o município de Pelotas está inserido encontra-se em formação graças ao trabalho constante das águas, feito no sentido do continente para o oceano, pela descamação das elevações graníticas da Serra dos Tapetes.

A hidrografia da região de Pelotas tem repercussão relevante sobre os aspectos físicos e humanos, conforme destaca Barenho (2005): “o município está situado às margens do Canal São Gonçalo, o qual liga a Laguna dos Patos e a Lagoa Mirim, as duas maiores do Brasil, e cujas bacias contribuintes recebem 70% do volume de águas fluviais do Rio Grande do Sul. São, portanto, 2 grandes mananciais de água doce para o município.

Em função da importância desta hidrografia já existem marcos legais definidos para a conservação e preservação das zonas úmidas na área do município de Pelotas, conforme aponta-nos Barenho (2005):

- Lei Municipal 4.392/1999, que declara como área de interesse ecoturístico a “Orla da Laguna dos Patos”, no município de Pelotas;

- Lei Municipal 4.336/1998, que declara de valor paisagístico e ecológico a Mata do Totó, localizada nos balneários do Laranjal e Barro Duro;

- Lei Municipal nº 5502/2008
- III Plano Diretor de Pelotas – que delimita e declara Áreas de

Canal São Gonçalo e Canal Sta. Bárbara
Foto: Laureano Bitencourt / acervo Secult



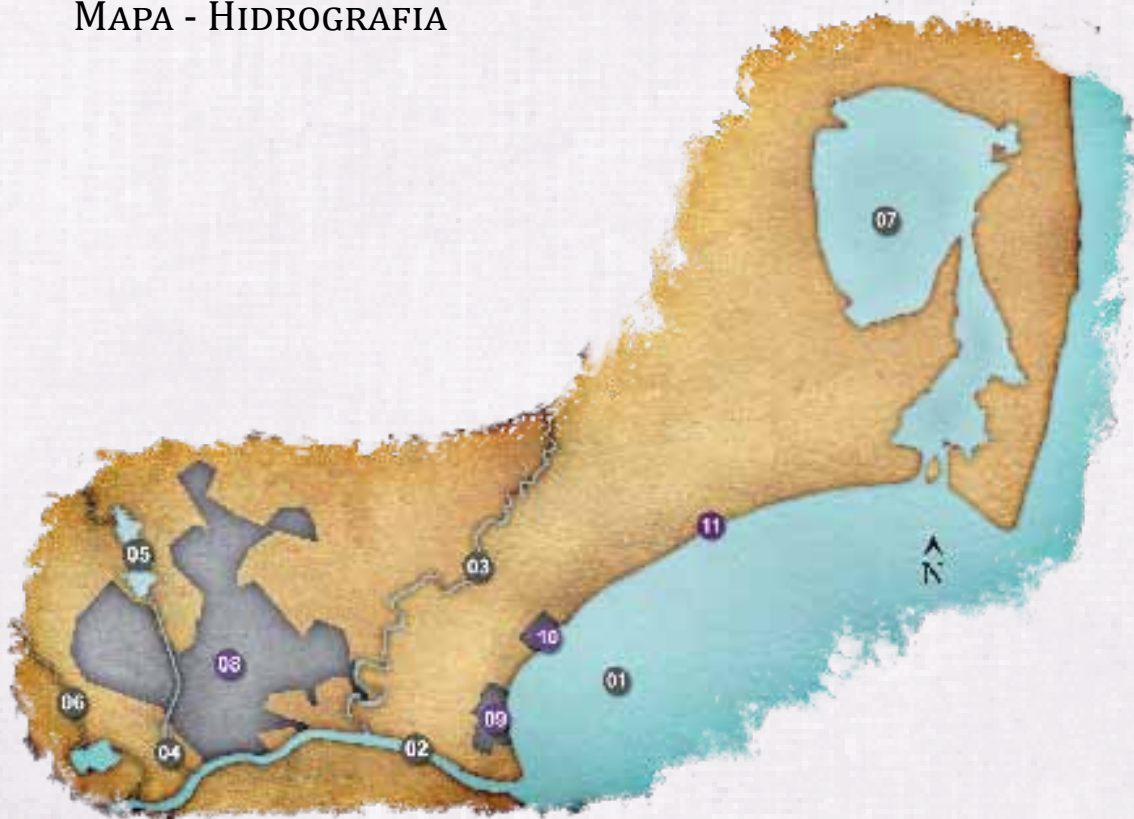
Especial Interesse do Ambiente Natural – AEIAN, onde se incluem os banhados, a laguna, o arroio Pelotas e o canal São Gonçalo;

- Decreto Estadual nº 35237/1994 - que estabelece a criação do Programa Mar-de-Dentro - instrumento estadual que propõe um plano de preservação com vistas ao desenvolvimento sustentável, à recuperação e ao gerenciamento ambiental da Região Hidrográfica Litorânea.

Balneário dos Prazeres
Foto: Diego Windmüller



MAPA - HIDROGRAFIA



LEGENDA:

- | | | | |
|----|----------------------------------|----|------------------------|
| 01 | Laguna dos Patos | 06 | Arroio Frigata |
| 02 | Canal São Gonçalo | 07 | Laguna Pequena |
| 03 | Arroio Pelotas | 08 | Núcleo Urbano |
| 04 | Arroio Santa Bárbara | 09 | Larenjal |
| 05 | Barragem do Arroio Santa Bárbara | 10 | Balneário dos Prazeres |
| | | 11 | Colônia Z3 |

Barragem do Canal Sta. Bárbara
Foto: Diego Windmüller



Vila Cascata
Foto: Diego Windmüller



Quem Sabe Rola?

A Agenda 21 é um plano de ação para ser adotado global, nacional e localmente, por organizações do sistema das Nações Unidas, governos e sociedade civil, em todas as áreas em que a ação humana impacta o meio ambiente. Você conhece a Agenda 21 de Pelotas? Já pensou na importância da bacia hidrográfica da região de Pelotas no contexto da escassez mundial de água potável? E sobre as questões do aquecimento global? Conhece alguma iniciativa de conservação e preservação dos nossos recursos hídricos? Como os pelotenses percebem esse patrimônio natural? Uma conversa com estudiosos do assunto e autoridades da área do meio ambiente pode ser um primeiro passo para buscar essas respostas.

REFERÊNCIAS:

ARRIADA, Eduardo. Pelotas: Gênese e Desenvolvimento Urbano (1780-1835). Pelotas: Armazém Literário, 1994.

ARROIOPELOTAS. Disponível no site <<http://www.vivaocharque.com.br>> Acesso em 31 de outubro de 2007.

BAKOS, Margareth. RS: Escravidão e Abolição. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

BARENHO, Cíntia P. As Zonas Úmidas no Contexto da Agenda 21: O Estudo do Núcleo de Educação Ambiental da Orla da Laguna dos Patos como Instrumento de Educação Ambiental. Pelotas: 2005. Monografia de Conclusão de Curso de Graduação em Ciências Biológicas; Universidade Federal de Pelotas.

CARDOSO, Fernando Henrique. Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional: O Negro na Sociedade Escravocrata do Rio Grande do Sul. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

CHEVALLIER, Ceres. Vida e Obra de José Isella: Arquitetura em Pelotas na Segunda Metade do Século XIX. Porto Alegre: 2002. Dissertação de Mestrado; Faculdade de Arquitetura; Programa de Pós Graduação em Arquitetura; Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

CRUZ, Glenda Pereira da. Pelotas Espaço Construído no Início da República. In: WEIMAR, Günter (org). Urbanismo no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Universidade, 1992.

CUNHA, Alberto Coelho. Antigualhas de Pelotas. A Opinião Pública, Pelotas, 1928.

GONÇALVES, Ladi Maria da Silva. Os Barões de Três Serros. Pelotas: UCPel, 1984.

GUTIERREZ, Ester J. B. Negros, Charqueadas e Olarias: Um Estudo Sobre o Espaço Pelotense. Pelotas: UFPel; Mundial, 1993.

_____. Barro e Sangue: Mão-de-Obra, Arquitetura e Urbanismo em Pelotas (1777- 1888). Porto Alegre: 1999. Tese de Doutorado; Instituto de Filosofia e Ciências Humanas; Curso de Pós -Graduação em História; Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

_____. Pelotas: Palco da Manufatura Escravista das Carnes na Fronteira Meridional do Brasil. Proposta de Tombamento. Pelotas: 2004. Monografia de Especialização; Curso Internacional de Especialização em Gestão do Patrimônio Integrado do Planejamento Urbano da América Latina; Universidade Federal de Pernambuco.

LEITE, José Antonio Mazza. "Xarqueadas" de Danúbio Gonçalves: Um Resgate para a História. Pelotas: UFPel, 2004.

LEÓN, Zênia de. Pelotas: Casarões Contam sua História. Pelotas: Hofstätter, 1993.

MAESTRI FILHO, Mário José. O Escravo no Rio Grande do Sul: A Charqueada e a Gênese do Escravismo Gaúcho. Caxias do Sul: Educs, 1984.

_____. O Escravo Gaúcho: Resistência e Trabalho. Porto Alegre: Universidade, 1993.

MAGALHÃES, Mario Osório; MACEDO, André. História de Pelotas em Quadrinhos. Pelotas: Diário Popular, 2001.

MAGALHÃES, Mario Osório. História e Tradições da Cidade de Pelotas. 3.ed. Pelotas: Armazém Literário, 1999.

_____. Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Pelotas: UFPel; Mundial, 1993.

_____. Pelotas Século XIX. Pelotas: Mundial, 1994.

_____. Os Passeios da Cidade Antiga. Pelotas: Armazém Literário, 1994.

NASCIMENTO, A. Heloisa. Arca de Lembranças. Pelotas: Martins Livreiro, 1982.

_____. Nossa Cidade era Assim. Pelotas: Mundial, 1989.

OSORIO, Fernando. A Cidade de Pelotas. Pelotas: Armazém Literário, 1997.

PELOTAS. Lei nº 4.977 de 14 de outubro de 2003. Disponível no site <<http://www.vivaocharque.com.br>> acesso em 31 de outubro de 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahi. História do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990

PERES, Eliane. Templo de Luz: Os Cursos Noturnos Masculinos de Instrução Primária da Biblioteca Pública Pelotense (1875-1915). Pelotas: Seiva Publicações, 2002. Série História da Educação em Pelotas.

PIEDRAS, Sérgio R. N. Ocorrência de Limnoperna Fortunei (Dunker, 1857) (Mytilidae) durante um Período de Salinização do Baixo Arroio Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul. Pelotas: 2005. Escola de Ciências Ambientais. Universidade Católica de Pelotas. Disponível em ftp://ftp.sp.gov.br/ftppesca/33_1_121-125.pdf Acesso em 10 de agosto de 2007.

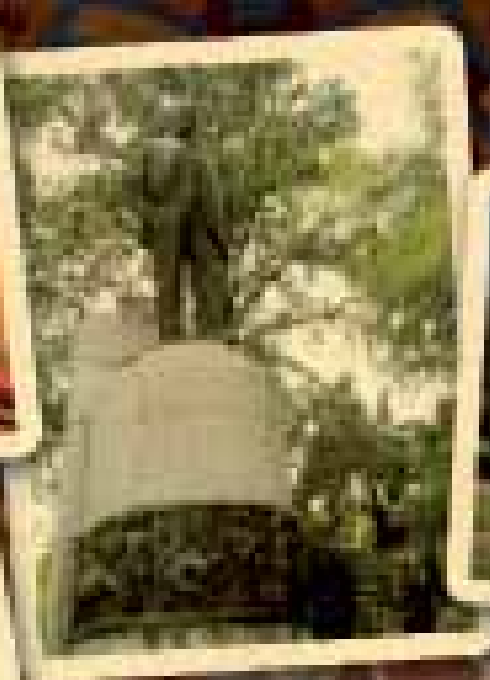
ROSA, M. Geografia de Pelotas. Pelotas: UFPel, 1985.

RAMIL, Vitor. Satolep. Disponível em <<http://letras.terra.com.br/vitor-ramil/593767>> Acesso em 20 de setembro de 2007.

SCHELEE, Andrey Rosenthal. O Eclétismo na Arquitetura de Pelotas até as décadas de 30 e 40. Porto Alegre: 1994. Dissertação de Mestrado. Curso de Pós - Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

TAGLIANI, Paulo R. A. Arqueologia, História e Socioeconomia da Restinga da Laguna dos Patos: Uma Contribuição para o Conhecimento e Manejo da Reserva da Biosfera. Rio Grande: FURG, 2000.

TEIXEIRA, Rejane Cruz. Zona Rural de Pelotas: desenvolvimento para o Turismo. Caderno Virtual de Turismo. V.4. Nº 3. 2004. Disponível em <<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/ojs>> acesso em 15 de agosto de 2007.



Unidade
3

Patrimônio Cultural de Pelotas

O PATRIMÔNIO
VIVO





a baronesa que colecionava

*Tudo começou com a história da baronesa que colecionava;
Conheceu o arquiteto e passou a colecionar casarões;
Conheceu o caixeiro viajante e passou a colecionar peças de seda;
Conheceu o boticário e passou a colecionar essências florais;
Conheceu o charqueador e passou a colecionar escravos;
Conheceu o poeta e passou a colecionar rimas.
Então chegou o inverno e ela estava só.
Os casarões eram muito grandes, as peças de seda não aqueciam...
Durante o verão as essências florais evaporaram, os escravos foram libertados e o poeta morreu.
E assim terminou a história da baronesa que colecionava.*

- Que “viagem”!!! Tu bebeste o quê antes de escrever isso?*
- Por favor, não está tão ruim assim...*
- Cara! Se tu leres isso na aula vai ser um vexame total!!*
- Ah! Assim minha autoestima despenca... eu fiz um esforço enorme pra fazer a tal da leitura de época que a professora pediu.*
- Cara, ficou meloso demais... Melequento e...*
- Ah! Chega!! Eu sei onde tu vais chegar. Pode parar! Quero saber agora do teu trabalho.*
- Eu ainda estou pensando... mas eu quero falar da monarquia, da aristocracia das charqueadas.*
- E dos nativos, dos escravos e dos imigrantes tu não vais falar? É só nobreza?*
- Pô, “pega leve”, ficaste chateado comigo?*
- Deixa assim. Pensando bem acho que nós dois não temos conhecimento suficiente pra fazer uma leitura de época sem deixar “furo”.*
- Que isso, cara? Também não é assim a gente faz a leitura de época, de acordo com a visão que temos hoje, aqui e agora, a partir do que sentimos e o que percebemos dessa herança que nos deixaram... Se nós não temos referências fortes para captar e entender a gente passa “batido”...*

- *Mas também, a gente fica todo o tempo na frente da televisão assistindo a cultura de outros povos, aprendendo a curtir histórias que não são as nossas. Isto é bom, mas não o suficiente, porque assim pode chegar um momento em que a gente não se reconhece mais. É bom que fique claro que não sou contra isso, muito pelo contrário. É legal conhecer e até assumir outros hábitos e costumes pra melhorar uma coisa aqui, outra ali.*
- *Nisso eu estou contigo, às vezes nos sentimos excluídos e inferiores só porque moramos no interior. Mas pensar assim depois que surgiu a Internet é uma grande bobagem, né? Sem falar no que estão prometendo para a televisão digital.*
- *O fato é que por causa da globalização cada vez mais as pessoas e os costumes ficam iguais. Tem o lado bom, mas também o ruim.*
- *Como tudo. Mas foi a tecnologia que proporcionou isso. E a gente precisa prestar mais atenção para não perder a identidade, afinal por mais que a gente tente, por mais que a gente se distancie do lugar onde se criou, sempre carregamos sinais que revelam a nossa origem...*
- *Ih! Já começou a melar...*
- *Poxa, cara!!*
- *Desculpa. Vamos tentar chegar num acordo e fazer nosso trabalho em dupla?*
- *Combinado.*
- *Mas antes vamos lá em casa que está rolando um churrasco com sal grosso, pois nós somos gaúchos, "tchê"!!*
- *No caminho passamos na confeitaria e levamos uns docinhos para a sobremesa, porque também somos "di" Pelotas!!*
- *Fim de papo!!!*

João Pedro



Pelotas - Uma História Cultural

Unidade 3

A DIMENSÃO IMATERIAL DOS BENS CULTURAIS

Séries Finais
Ensino Fundamental



COMO JÁ FOI DITO, PATRIMÔNIO CULTURAL É CONSTITUÍDO de bens materiais e imateriais de uma coletividade num determinado lugar, que vão ao longo do tempo adquirindo formas e expressões diferentes. A cultura é um processo eminentemente dinâmico, transmitido de geração em geração, que se aprende com os ancestrais e se cria e recria no cotidiano do presente, na solução dos pequenos e grandes problemas que cada sociedade ou indivíduo enfrenta.

Neste processo dinâmico de socialização em que se aprende a fazer parte de um grupo social, o indivíduo constrói a própria identidade. Reconhecer que todos os povos produzem cultura e que cada um tem uma forma diferente de se expressar é aceitar a diversidade cultural. Este conceito nos permite ter uma visão mais ampla do processo histórico, reconhecendo que não existem culturas mais importantes do que outras.

As diferentes formas de expressão cultural constituem o patrimônio vivo da sociedade. Podem estar presentes em maneiras de pescar, caçar, plantar, cultivar e colher, utilizar plantas como alimentos e remédios, construir moradias, em práticas culinárias e artesanatos, em danças e músicas, em modos de vestir e falar, em rituais e festas religiosas e populares, em relações sociais e familiares.

Todas estas práticas culturais, na verdade, revelam os múltiplos aspectos que pode assumir a cultura viva e presente de uma comunidade.

Movimento dos Artistas Plásticos de Pelotas
Foto: acervo Secom



Apresentação teatral
Foto: Jussara Cordeiro



PRECEDENTES

Através dos estudos de Eliane Peres (2002) sobre os cursos noturnos de instrução primária da Bibliotheca Pública de Pelotas entre 1875 e 1915, podemos dimensionar a gênese da formação cultural da nossa cidade: “ao consolidar-se como o centro industrial e comercial charqueador mais importante de toda a Província, Pelotas conquistou também, em função da riqueza que ali circulava, uma vida social e cultural intensa. O modelo de vida, os costumes, os hábitos e os comportamentos, o lazer, as artes, as atividades intelectuais de um modo geral, foram imitados principalmente do município da Corte (Rio de Janeiro) e dos países da Europa. A França servia de parâmetro para a organização da vida familiar e social da elite pelotense. Isto era claramente perceptível na arquitetura dos prédios públicos e particulares, nos móveis e na decoração das casas, no vestuário, nas leituras, nas ideias que penetraram amplamente em alguns segmentos da sociedade pelotense”.

Encontramos, ainda nos estudos de Peres (2002), mais alguns aspectos que denotam a dinâmica da vida dos pelotenses no período da formação da cidade: “o comércio urbano tornou-se igualmente uma atividade bastante intensa nesse período. Lojas de roupas femininas e masculinas anunciavam as novidades vindas dos centros urbanos mais importantes, como o município da Corte, ou diretamente da Europa.

*Feira do Livro das Escolas
Foto: Jussara Cordeiro*



*Grupo de Dança Francês
Foto: acervo Secom*



*Movimento dos Artistas Plásticos de
Pelotas
Foto: acervo Secom*



Exposição de moda
Foto: acervo Secom



Estabelecimentos como confeitarias, cafés, lojas, hotéis, eram em grande número em Pelotas, fazendo da cidade um centro comercial importante.

Os melhoramentos urbanos se ampliaram neste período; havia notícias diárias nos jornais, principalmente referentes à iluminação a gás, inaugurada no ano de 1875, à hidráulica pelotense, ao calçamento das ruas”.

Do objeto mais comum de uso doméstico cotidiano à receita de doces e cantigas da vovó, podemos encontrar uma vasta gama de informações a respeito de nossa história, que foram gradativamente dando forma à nossa identidade cultural.

Movimento dos Artistas Plásticos de Pelotas
Foto: acervo Secom



Aula de artes
Foto: acervo Secom



Movimento dos Artistas Plásticos de Pelotas
Foto: acervo Secom



Aula de leitura
Foto: acervo Secom



Pelotas - Uma História Cultural

Unidade 3

A TRADIÇÃO DOCEIRA

Séries Finais
Ensino Fundamental

da adoção de requintados costumes, constantes atividades intelectuais e imponentes construções. Neste contexto é que o doce se insere.

O fim da escravidão foi um dos fatores que contribuiu para a decadência das charqueadas em Pelotas, assim como a produção de charque em outros municípios do Rio Grande do Sul. O surgimento dos frigoríficos, que dispensavam o processo de salga da carne, selou o fim do ciclo do charque, o período de opulência da cidade.

No início do século XX, a tradição doceira de Pelotas, até então restrita aos costumes familiares da elite da cidade, passou a ser divulgada comercialmente em todo o país. No mesmo período, os imigrantes alemães, pomeranos e franceses que viviam em Pelotas passaram a cultivar frutas de clima temperado - principalmente o pêssego - na região colonial. Essas frutas eram comercializadas ao natural e na forma de doces, geleias, conservas e pastas, ampliando e diversificando as formas de produção de doces.

No artigo “Vinhos e Doces ao som da Marselhesa: um estudo sobre os 120 anos de tradição francesa na colônia Santo Antonio em Pelotas-RS”, Leandro Betemps (2001) afirma que as primeiras indústrias de compota surgiram entre os franceses e este foram um dos maiores legados desse grupo étnico para Pelotas e a região.

Doces em calda e cristalizados
Foto: Diego Windmüller



Desfile de abertura da Fenadoce 2009
Foto: acervo Secom



Muitas receitas portuguesas trazidas pelos colonizadores e pelos navios transportadores do charque ainda são utilizadas pelas doceiras pelotenses. As transformações e criações ocorridas ao longo do tempo agregaram ainda mais qualidade e valor aos nossos doces. O sal e o açúcar são elementos constitutivos do progresso sócioeconômico de Pelotas e permeiam a formação da identidade histórica da cidade, que continua sendo estimulada em grande escala, a exemplo da FENADOCE – Feira Nacional do Doce –, um dos principais eventos municipais, que ocorre anualmente.

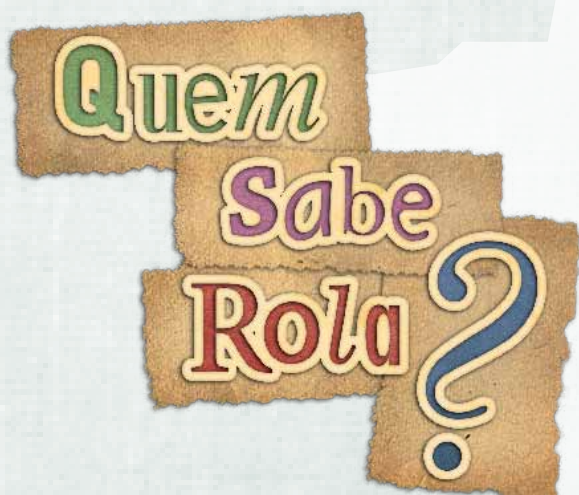
OS DOCES COMO PATRIMÔNIO CULTURAL

*Desfile de abertura da Fenadoce 2009
Foto: acervo Secom*



Os Doces Tradicionais Pelotenses, como já vimos, são reconhecidos como Patrimônio Cultural do Estado do Rio Grande do Sul através da Lei nº 11919/2003.

Em nível federal, encontram-se em processo de reconhecimento como Patrimônio Cultural Nacional Imaterial através INRC – Inventário Nacional de Referências Culturais – o qual possibilitará sua inclusão no livro Tombo dos Saberes.



O que você acha de conhecer mais sobre os doces tradicionais de Pelotas? Uma oportunidade perfeita é a FENADOCE. Ou ainda visitar uma das confeitarias tradicionais. Você também pode conversar com seus familiares e amigos sobre receitas de doces ou pesquisar na internet. Enfim, são muitas opções para saber mais e deliciar-se.

Pelotas - Uma História Cultural

Unidade 3

OS CLUBES DE FUTEBOL

Séries Finais
Ensino Fundamental



AQUI, NOS REPORTAREMOS AOS TRÊS PRINCIPAIS TIMES DA cidade de Pelotas – Brasil, Farroupilha e Pelotas – como forma de representação de manifestações culturais que se desenvolvem em torno de uma prática social coletiva.

Os Clubes de Futebol de Pelotas são quase centenários e as suas histórias são repletas de glórias esportivas e uma tradicional rivalidade entre seus torcedores.

A síntese histórica do Pelotas e do Brasil foi reproduzida dos sites que os respectivos Clubes mantêm na internet, assim como a manifestação de dois torcedores por ocasião do aniversário dos seus clubes do coração.

ATENÇÃO!

O critério para estabelecer a ordem de apresentação foi definido por antiguidade do clube. Primeiro, o E.C. Pelotas, fundado em 1908; depois o G.E. Brasil, fundado em 1911; e por fim, o G.A. Farroupilha, fundado em 1926.

A reprodução dos textos conforme publicado pelos próprios clubes tem o objetivo de fornecer as informações de acordo com o que cada um considera como sua história oficial.

Afinal, não queremos entrar em bola dividida!!!

G. E. Brasil (1956)

Foto: Pelotas Memória - divulgação



E.C. Pelotas (1951)

Foto: Pelotas Memória - divulgação



ESPORTE CLUBE PELOTAS

O Esporte Clube Pelotas começou a surgir na noite de 13 de setembro de 1908, quando numa reunião na casa do Dr. Joaquim Luiz Osório, na Rua 15 de Novembro, nº 471, foi acertada a fusão de dois clubes: o Club Sportivo Internacional e o Foot-ball Club.

Participaram da reunião os senhores: Joaquim Luiz Osório, Leopoldo de Souza Soares, Francisco Rheingantz e João Frederico Nebel. Os dois primeiros eram os presidentes do Internacional e do Foot-ball Club, respectivamente.

O objetivo era fundar na época, uma associação desportiva que estivesse à altura do progresso que Pelotas vinha experimentando. Caso a fusão fosse concretizada, o novo clube, em homenagem à cidade, levaria o seu nome e as suas cores seriam o azul e o amarelo.

As negociações foram crescendo e no dia 11 de outubro de 1908, nos salões do Club Caixerai, os sócios dos dois clubes aceitaram a proposta e criaram o SPORT CLUB PELOTAS.

O primeiro grande triunfo futebolístico do E. C. Pelotas ocorreu no dia 24 de outubro de 1909 quando, jogando em seu estádio (A Boca do Lobo), derrotou o Sport Club Rio Grande (clube de futebol mais antigo do país), que desde a sua fundação nunca havia perdido uma partida.

Seguiram-se ainda outros feitos memoráveis dentro do futebol:

- organização do primeiro torneio intermunicipal de futebol do RS em 1910;

Brasão do E. C. Pelotas



Mascote do E. C. Pelotas



- jogo contra o “scratch” uruguaio em 1911 (primeira partida disputada pela seleção uruguaia no país);
- disputa de inúmeras partidas contra clubes e seleções argentinas, gaúchas, cariocas e paulistas;
- realização, em 1918, do Congresso Rio Grandense de Futebol, que resultou na criação da Federação Gaúcha de Futebol, por iniciativa do E. C. Pelotas; além de outras realizações.

Pelo seu pioneirismo e tradição em competições, o E.C. Pelotas sempre foi e sempre será considerado um dos principais clubes esportivos do Estado, colecionando ao longo de sua história inúmeros títulos, não só no futebol mas também em outros esportes: futsal, tênis, basquete, hóquei, remo, natação e atletismo, entre outros.

*Imagem aérea do Estádio do E. C. Pelotas
Foto: Rafael Amaral*



GRÊMIO ESPORTIVO BRASIL

A história do G.E. Brasil teve início depois de uma divergência entre dirigentes e jogadores do Sport Club Cruzeiro do Sul, que era mantido e dirigido por funcionários da Cervejaria Haertel. O campo do S.C. Cruzeiro do Sul situava-se num terreno ao lado da Cervejaria Haertel. Certo dia, colaboradores do clube, que estavam colocando uma cerca ao redor do campo, viram chegar no local alguns rapazes, jogadores do S.C. Cruzeiro do Sul, os quais de imediato foram treinar. Este fato irritou aqueles que estavam trabalhando na referida cerca. Mandaram que os outros parassem com o jogo e fossem ajudá-los. Frustrados os rapazes foram embora. Por ironia do destino, dois daqueles rapazes inconformados com o ocorrido caminharam até um terreno próximo ao local onde hoje está situado o estádio do G.E. Brasil, ficaram ali sentados na grama pensando e discutindo a ideia de fundar um time de futebol, eram eles os saudosos Breno Corrêa da Silva e Salustiano Brito.

Resolveram eles marcar uma reunião de fundação do clube que teve como lugar o prédio de nº 56 da rua Santa Cruz, em Pelotas, residência do Sr. José Moreira de Brito, pai de Salustiano. Ficando a sua primeira diretoria assim constituída: Dario Feijó, presidente; Silvio Corrêa da Silva, vice; Walter da Rocha Pereira, 1º secretário; Raymundo Pinto do Rego, tesoureiro; Breno Corrêa, adjunto; Manoel Joaquim Machado, Ulysses Dias Carneiro, Manoel Ribeiro de Souza, Nicolau Nunes, Paulinho Dias de Castro e Mário Reis, diretores; E estava fundado o G.E. Brasil em 7 de setembro de 1911, exatamente na data comemorativa a Independência do Brasil.

Alusivo a este fato foi decidido que as cores da camiseta seriam verde e amarela. Possivelmente, as cores inicialmente adotadas no fardamento do G.E. Brasil seja o primeiro fato histórico da rivalidade com

Brasão do G. E. Brasil



Mascote do G. E. Brasil



o E.C. Pelotas. Naquela época houve muita polêmica porque os fardamentos dos dois clubes eram parecidos. Como o E.C. Pelotas inspirou-se nas cores do Clube Caixeral (azul e amarelo) para seu fardamento, o G.E. Brasil resolveu adotar as cores do Clube Diamantinos (vermelho e preto), mudando então as cores do fardamento.

O G.E. Brasil foi o primeiro clube de futebol a vencer o Campeonato Gaúcho de 1919 vencendo o Grêmio Porto-Alegrense por 5 X 1 em Porto Alegre. Em 1920, o Brasil representou o Rio Grande do Sul no primeiro torneio brasileiro de futebol, realizado no Rio de Janeiro, disputando com outros campeões de seus respectivos estados: Paulistano por São Paulo, Fluminense pelo Rio de Janeiro e o Brasil de Pelotas campeão pelo Rio Grande do Sul. No final, o representante gaúcho ficou em 3º lugar, mas valeu para a sua história. A glória veio depois, ainda, naquele ano, pois teve seu jogador Alvariza convocado para a Seleção Brasileira de 1920 para os jogos Sul-Americanos no Chile. No jogo contra os donos da casa, nossa seleção venceu por 1 X 0, gol de Alvariza. Esse fato é uma glória para os torcedores do Brasil.

*Imagem aérea do Estádio do G. E. Brasil
Foto: Rafael Amaral*



GRÊMIO ATLÉTICO FARROUPILHA

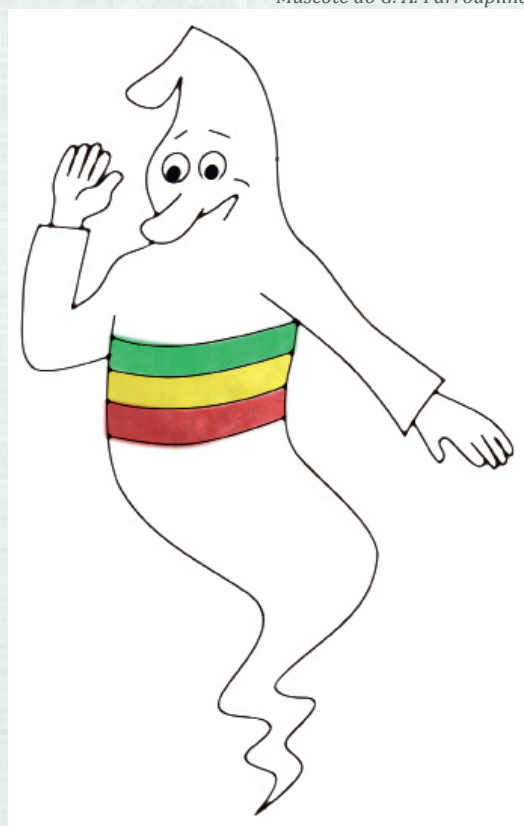
O Grêmio Atlético Farroupilha foi fundado em 21 de abril de 1926 por militares do Exército Brasileiro, com o nome de Grêmio Atlético do 9º Regimento (hoje, a unidade militar se chama 9º BI - 9º Batalhão de Infantaria Tuiuti). Em 1941, quando o então Presidente Getúlio Vargas proibiu, através de um decreto, o uso do nome de unidades militares por entidades civis, O nome passou a ser Farroupilha, em homenagem ao título do Campeonato Estadual de 1935, quando derrotou o Grêmio Futebol Porto-Alegrense na conquista mais expressiva do clube até hoje.

Além do título de Campeão Gaúcho em 1935, quando se comemorou o centenário da Revolução Farroupilha, o clube conquistou inúmeros títulos citadinos. Um dos grandes craques de futebol do clube Farroupilha foi Ernesto da Costa Sezefredo, conhecido como Cardeal. O Mascote “Fantasma” deve-se ao fato do cemitério da cidade, que se localiza no mesmo bairro do Clube, o bairro Fragata.

Brasão do G. A. Farroupilha



Mascote do G. A. Farroupilha



Fachada do Estádio do G. A. Farroupilha
Foto: Diego Windmüller



Quem Sabe Rola?

Qual é o seu time? Certamente, você conhece muitas histórias sobre as proezas desses times e de suas torcidas apaixonadas. Deve lembrar de personagens tidos como “folclóricos” e de situações protagonizadas pelos jogadores ou por suas torcidas que ficaram na memória de todos. Converse com seus amigos e familiares para rememorar.

Conte essas histórias. Escreva para os colunistas da grande mídia ou então mande para o site do seu clube. Alimente essa rivalidade de forma saudável. Engrandeça ainda mais a tradição do seu time do coração!

Pelotas - Uma História Cultural

Unidade 3

O CARNAVAL

Séries Finais
Ensino Fundamental



Desfile de carnaval
Foto: Marcel Ávila



O CARNAVAL DE PELOTAS SEMPRE FOI UMA FESTA DE participação popular muito importante. No século XIX as manifestações carnavalescas já ocorriam em Pelotas. O Clube carnavalesco Nagô, em 1882, desfilava nas ruas de pelotas. Em 1890, segundo Peres (2002), o carnaval também era destaque na imprensa e já havia os clubes carnavalescos Arlequins, Filantes, Luva Preta, Morcegos e Multicor. Os bailes de máscaras eram bastante comuns e animavam a cidade.

MÁSCARA

Pitty

Diga!
Quem você é, me diga
Me fale sobre a sua estrada
Me conte sobre a sua vida

Tira!
A máscara
Que cobre o seu rosto
Se mostre a eu
Descubra se eu gosto
Do seu verdadeiro
Jeito de ser

Ninguém merece
Ser só mais um bonzinho
Nem transparecer
Consciente ou inconsciente
Sem se preocupar
Em ser adulto na criança
O importante é ser você

Mesmo que seja estranho
Seja você
Mesmo que seja bizarro,
Bizarro, Bizarro.
Mesmo que seja estranho
Seja você
Mesmo que seja

Tira!
A máscara que cobre o seu rosto
Se mostre a eu
Descubra se eu gosto
Do seu verdadeiro
Jeito de ser

Ninguém merece ser
Só mais um bonzinho
Nem transparecer
Consciente ou inconsciente
Sem se preocupar em ser
Adulto em criança
O importante é ser você

Mesmo que seja estranho
Seja você
Mesmo que seja bizarro
Bizarro, Bizarro.
Mesmo que seja estranho
Seja você
Mesmo que seja

Meu cabelo não é igual
A sua roupa não é igual
Ao meu tamanho, não é igual
Ao seu caráter, não é igual
Não é igual, não é igual
Não é igual

I had enough of it
But I don't care
I had enough of it
But I don't care
I had enough of it
But I don't care
I had enough of it
But I don't care
I had enough of it
But I don't care

Diga!
Quem você é, me diga
Me fale sobre a sua estrada
Me conte sobre a sua vida

É o importante é ser você
Mesmo que seja estranho
Seja você
Mesmo que seja bizarro
Bizarro, Bizarro.

Mesmo que seja estranho
Seja você
Mesmo que seja bizarro
Bizarro, Bizarro.
Mesmo que seja estranho
Seja você!

Em seus estudos sobre a cultura de resistência dos escravos em Pelotas, Mello (1994), analisa como o Clube Carnavalesco Nagô alcançou com o passar dos anos popularidade entre a comunidade pelotense: “composto exclusivamente de negros, era aceito inclusive pelas autoridades brancas, o que denota o poder de resistência dos negros e a conquista da legitimidade de uma manifestação que mantinha aspectos da cultura de origem destes grupos – nas roupas que vestiam especialmente para a ocasião, no batuque, na dança, nas letras das músicas”.

Corte do carnaval de Pelotas
Foto: Marcel Ávila



Desfile dos blocos burlescos
Foto: Marcel Ávila



Desfile dos blocos burlescos
Foto: Marcel Ávila



Desfile das escolas de samba
Foto: Marcel Ávila



Desfile das escolas de samba
Foto: Marcel Ávila



E.C.C. Leocádia
Foto: acervo Secom



Girafa da Cerquinha
Foto: acervo Secom



Kibandaço
Foto: acervo Secom



Banda Méta
Foto: acervo Secom



JOGO DE CAPOEIRA “2º FESTIVAL DE ARTE DA ESCOLA” O CARNAVAL NO SÉCULO XX

A pesquisa “O carnaval e os Clubes Carnavalescos Negros em Pelotas”, do Núcleo de Documentação Histórica do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas (NDH/ICH/UFPel), coordenada por Loner (2004- 2005), aponta que “o carnaval pelotense foi constituído por fases de participações diferenciadas, ou seja, o carnaval da década de 30 é caracterizado por uma grande participação de clubes

carnavalescos, já na década de 40, surgem os blocos da “Bicharada” (Camelo, Jacaré, Girafa...), e com o desenrolar da II Guerra Mundial, com a participação brasileira em 1945, a crise e o medo levam a discussões a respeito da realização ou não de carnaval de rua em meio ao conflito. A participação dos Clubes carnavalescos neste período fica mais relacionada a festas de salão do que ao carnaval de rua”.

Na década de 50, organizaram-se as primeiras escolas de samba, entre elas a Academia do Samba do Fica Ahí, criada no Clube Fica Ahí pra ir Dizendo. Na década de 60, a imprensa focalizou a participação das escolas de samba; o Clube Fica Ahí desfilou nas ruas entre as escolas como Academia do Samba do Fica Ahí; o Chove Não Molha apresentou sua programação interna na imprensa. Portanto, as atividades externas dos clubes carnavalescos compreendiam: desfiles até a

*Desfile de carnaval
Foto: Marcel Ávila*



residência da rainha, realização de “assalto” e cumprimento à imprensa local. A frequência de apresentações públicas mudou entre a década de 30 e a década de 60, assim como o próprio carnaval.

Já as atividades externas, como festa de coroação da rainha, bailes para sócios e chá dançante, continuavam ao longo do período quase da mesma forma.

Na segunda metade do século XX, os desfiles da rua 15 de Novembro foram muito populares e ganharam fama em todo o país. Havia desfiles de conjuntos vocais, escolas de samba e blocos burlescos; de mascarados e de homens vestidos de mulher. O carnaval chegou a ter duração de uma semana e, após os desfiles assistidos pelo público das cadeiras e arquibancadas instaladas ao longo da rua 15, a noite era encerrada com grande baile popular no Redondo. Redondo era o nome popular para denominar a área circular, onde fica a Fonte das Nereidas, no centro da praça Coronel Pedro Osório.

*Desfile de carnaval
Foto: Marcel Ávila*



O SOPAPO

Segundo artigo da Wikipédia (2007), sopapo é um tambor, instrumento afrogaúcho, feito originalmente com casca de árvore e couro de cavalo. Foi inventado pelos escravos que trabalhavam nas charqueadas, na região de Pelotas, sul do Brasil. Há registros que datam seu uso desde 1826. O mais autêntico e antigo tambor do estado do Rio Grande do Sul foi peça importante no carnaval de Pelotas e na Praiana, primeira escola de samba de Porto Alegre, conferindo sonoridade própria ao samba gaúcho, distinguindo-o assim do samba feito no Rio de Janeiro. O sopapo esteve em vias de extinção, mas, no fim dos anos 90, sua revitalização se deu pelo trabalho de artistas como Giba-Giba, Bataclã FC, Serrote Preto e Mestre Batista. Para Giba-Giba, “sopapo na mão de negro é religião.”

*Sopapo
Foto: Luiz Fernando Recuero*



SOPAPO

João Donato, Paulo Moura e Lysias Énio

Que papo é esse?

- É bambuquererê!

Que papo bom eu bate com você.

Que papo é esse?

- É bambuquererê!

Sopapo é som lá de Pelotas, telê!

Bate virado desgarrado coraçã.

Ponta-cabeça perde rumo e direção.

Se fin agora não me falta instanação.

- É bambuquererê!

Bate dobrado fica sendo de emoção.

Preze sapo dando pulo pelo chão.

Bate sopapo bate papo com a mão.

- É bambuquererê!

Não sei! Se acaso acontecer

O couro vai pagar

O bicho vai comer, meu amor.

Sei lá! Se acaso acontecer

O couro vai pagar

O bicho vai comer.

Vim e eu, muito, três dois,

Você e eu, então depois...

Não sei! Se acaso acontecer.

O couro vai comer

O bicho vai pagar, meu amor.

Sei lá! Se acaso acontecer

Sopapo com você

- É bambuquererê!

Que papo é esse?

- É bambuquererê!

Que papo bom eu bate com você.

Que papo é esse?

- É bambuquererê!

Sopapo é som lá de Pelotas, telê!

O carnaval de Pelotas, além de ser uma festa coletiva de entretenimento, também foi uma celebração ao luxo, à música, ao bom humor e à expressão dos diversos grupos sociais. Essa característica tornou nossa festa uma das mais conhecidas no país. Nas últimas décadas, o carnaval-espetáculo do Rio de Janeiro tem sido uma influência marcante na festa local.

Quem
Sabe
Rola?

As entidades carnavalescas do final do século XIX tinham um caráter irreverente e buscavam através do carnaval protestar contra a condição dos negros e, ao mesmo tempo, divulgar sua cultura. Se você pensasse em divulgar aspectos da cultura atual da nossa cidade, como expressaria isso num desfile de carnaval? Escreva ou converse com seus amigos sobre suas ideias. Quem sabe rola algo criativo para ser apreciado?

Pelotas - Uma História Cultural

Unidade 3

AS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS

Séries Finais
Ensino Fundamental



Apresentação teatral
Foto: Jussara Cordeiro



Público no Theatro Guarany
Foto: Jussara Cordeiro



Apresentação teatral
Foto: acervo Secom



“FOI NO THEATRO SETE DE ABRIL, O MAIS ANTIGO DO BRASIL em funcionamento, que a sociedade pelotense desabrochou para os encantos da sociabilidade e para os mistérios da arte”, assim pontuou Mário Osório Magalhães (1999) em seu livro *História e Tradições da Cidade de Pelotas*.

Conforme Peres (2002), no final do século XIX os jornais ocupavam-se diariamente de noticiar apresentações artísticas, comentando longamente os enredos dos espetáculos. “Dramas, comédias, óperas, zarzuelas, eram as apresentações mais comuns. As companhias, muitas de passagem para Buenos Aires, eram originárias da Europa, principalmente francesas, portuguesas e espanholas, e tinham em Pelotas parada obrigatória, considerando o que a cidade representava em termos culturais no país e no Rio Grande do Sul”.

A citada autora revela ainda que, no que se refere à produção local, a maior bagagem literária de muitos dos nossos escritores – incluindo Simões Lopes Neto – era constituída de peças teatrais levadas à cena por sociedades amadoras,

formadas espontaneamente. Quanto aos forasteiros, seria impossível aqui o registro das notabilidades artísticas mundiais que visitaram Pelotas durante mais de um século. Basta lembrar que os espetáculos de fora chegavam a esta cidade em primeira mão, para só depois excursionar pela Província.

Nesse cenário surgiu, em 1914, o grupo Corpo Cênico da União Pelotense, que se chamaria mais tarde (1946) Teatro Escola de Pelotas (TEP). O TEP possui uma

trajetória rica em espetáculos e formação de atores, sendo a mais antiga companhia de teatro em atividade no Brasil.

A heterogeneidade da população pelotense imprimiu à sociedade formas de sociabilidade também diversas:

- para a elite: bailes de salão, passeios campestres, teatro, saraus, concertos, conferências;

- para as classes populares: jogos, carnaval de rua, batuques, manifestações religiosas.

Segundo Magalhães (1999), “qualquer ocasião festiva era motivo para que os pelotenses se exercitassem, seja em torneios de rima, seja em duelos de retórica. Era só surgir uma oportunidade e os cidadãos – dos mais cultos aos menos dotados – tomavam da palavra, alinhando conhecimentos que nasciam na Grécia antiga e vinham morrer nas coxilhas do Rio Grande.”

Até surgirem os Clubes Sociais, os salões dos casarões eram os lugares dos encontros sociais da sociedade pelotense. A referência que Magalhães (1999) faz ao significado que os salões tiveram em nossa cidade durante o século XIX dá-nos a sua dimensão: “na formação de Pelotas pode-se dizer que significou mais ou menos, o que a coxilha significou na formação da Campanha Riograndense. Enquanto a coxilha simboliza o espírito militar da história da Campanha – teatro que foi das inúmeras lutas que ensangüentaram o solo gaúcho – o salão simboliza o espírito cavaleiresco da história de Pelotas – teatro que foi dos torneios da elegância, da conversação, da galanteria...”

*Matiné no Theatro Guarany
Imagem: Pelotas Memória -
divulgação*



*Festival de Arte
Foto: Jussara Cordeiro*



Zola Amaro



Até a primeira década do século XX, as atividades musicais eram principalmente os concertos realizados em clubes sociais e no Theatro Sete de Abril, assim como os saraus particulares. Os saraus eram reuniões familiares com a presença do piano, seja como instrumento solo ou como acompanhamento para árias e duetos vocais ou ainda récitas de poesias. Em seus estudos sobre o pianismo em Pelotas, Nogueira (2001) revela que o repertório costumeiro dos programas de saraus demonstra um forte interesse pela música europeia, “em especial pelas árias famosas das óperas italianas, executadas em suas versões para o canto e piano ou em transcrições para piano solo. Ao lado da ópera italiana, destaca-se no repertório dos saraus a presença das polcas, tangos, marzurkas e schottisches presentes na formação dos primeiros gêneros da música popular brasileira”.

*Apresentação de Corais na Catedral
Foto: Marcel Ávila*



A música em Pelotas contou, desde os primórdios de sua história, com incentivadores, conforme Magalhães (1999), citando grupos e instituições musicais como as bandas Lira Pelotense, Santa Cecília, Satelina, Apolo, União, Carlos Gomes, Filarmônica Pelotense, o Clube Bethoven, a Sociedade Musical Euterpe e o Recreio dos Artistas. Destaca, ainda, os elegantes vesperais realizados pela Biblioteca Pública, as apresentações e composições do maestro João Pinto Bandeira; os concertos do professor e compositor Sá Pereira; e a fundação do Conservatório de Música.

A música fazia parte da vida dos pelotenses, constatou Nogueira (2001): “os ‘passeios musicais’, sempre repletos de gente, no porto, nos bondes, nas praças. Os concertos aconteciam nas casas, no teatro, nas ruas e na Biblioteca Pública. As bandas, além de tocarem nos passeios, animavam festas, saraus, inaugurações e recepções”. As manifestações culturais contavam com público certo.

A Banda União Democrata, fundada em 1896, foi reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial de Pelotas, através da Lei Municipal nº 5080/2000. Em atividade até hoje, possui sua sede na rua Major Cícero, no centro da cidade.

Ainda nesse período, despontou Zola Amaro (1891-1944), primeira soprano do Brasil, vindo a tornar-se celebridade mundial. Sua voz foi considerada como uma das mais lindas de toda a história da arte lírica. Cantou em grandes centros artístico-culturais, como Buenos Aires, Veneza, Roma, Florença, Haia, Amsterdã, Milão.

O pioneirismo no cinema também fez parte da história de Pelotas. Aqui se radicou, no final do século XIX, o português Francisco Santos, que fundou a Fábrica de

*Grupo Reminiscências
Foto: acervo Secom*



*Banda União Democrata apresentando-se na Pça. Cel. Pedro Osório (1961)
Imagem: Pelotas Memória - divulgação*



*Visitação guiada aos prédios históricos
Foto: acervo Secult*



Exposição de pinturas no Instituto
Simões Lopes
Foto: acervo Secom



Fitas Guarani. O cineasta produziu documentários e filmes de longa metragem, sendo o mais famoso “O crime dos banhados”, de 1914, baseado na chacina de uma família nos banhados da atual reserva do Taim.

O historiador Mario Osório Magalhães (1999) chama atenção para o fato de que, em 1898, no mínimo, Francisco Santos já filmava em Pelotas. E em abril de 1898 não fazia três anos que os irmãos Lumière, inventores do cinema, haviam apresentado a primeira sessão cinematográfica. A produção da Guarani Filmes foi interrompida, por falta de material, em consequência da primeira Guerra Mundial.

Os primeiros estabelecimentos de cinema mais conhecidos na cidade foram o Politeama (onde hoje localiza-se o Grande Hotel), o Ponto Chic e o Coliseu. Depois surgiram o Guarani, o Apolo, o Avenida, o Capitólio – estes, segundo Magalhães (1999), construídos sob a supervisão do próprio Francisco Santos.

No mesmo período, a pintura adquire enorme vitalidade entre as manifestações artísticas locais com a obra e os ensinamentos dos italianos Guilherme Litran e Frederico Trebbi. Na primeira metade do século XX, o pelotense Leopoldo Gotuzzo foi o grande talento da pintura.

Sua obra insere-se no acervo cultural mais expressivo do seu tempo, de acordo com historiadores de arte. Gotuzzo foi um grande pintor e desenhista, tendo iniciado sua formação artística com Frederico Trebbi. O Museu de Artes Leopoldo Gotuzzo, da Universidade Federal de Pelotas, mantém exposição permanente de acervo do pintor, assim como de diversos artistas que constituem a história das artes visuais de Pelotas.

No livro “História da Arte em Pelotas: a pintura de 1870 a 1980”, Silva (1996) destaca o artista Adail Bento Costa, que marcou sua história em Pelotas como restaurador, entalhador e decorador. Ao final da década de 1970, Adail lutou pelo tombamento dos três casarões da Praça Coronel Pedro Osório. Por suas preocupações com o patrimônio artístico-cultural brasileiro, recebeu vários títulos de cidadania, entre eles o de Cidadão do Patrimônio Nacional.

Estudo de Nu (67x55cm)
Leopoldo Gotuzzo
Imagem: MALG - divulgação



Outro pintor que se destacou desde 1945 com temas sobre Pelotas foi Paulo Oliveira. Em estilo acadêmico, retratava as paisagens e os antigos casarões da cidade.

O italiano Aldo Locatelli veio para o Brasil em 1948, para pintar os murais da Catedral de São Francisco de Paula. Foi autor de numerosas obras, especialmente murais religiosos e profanos, em igrejas e outros estabelecimentos da Itália, Nova Iorque e São Paulo. Aqui no Rio Grande do Sul, além dos murais da Catedral de Pelotas, pintou os murais da Igreja de São Pelegrino, em Caxias do Sul, os da Igreja Santa Terezinha, os do Palácio Piratini e do aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre.

Exposição de pinturas
Foto: acervo Secom



Interior da Catedral S. F. de Paula,
com pinturas de Aldo Locatelli
Foto: Diego Windmüller



A Espanhola (56x46m)
Leopoldo Gotuzzo
Imagem: MALG - divulgação



Pêssegos (33x41m)
Leopoldo Gotuzzo
Imagem: MALG - divulgação



Rosas e Botões (61x47cm)
Leopoldo Gotuzzo
Imagem: MALG - divulgação



Na escultura, Antonio Carangi é aclamado como “o estatuário da alma do Rio Grande”. Esculpuiu a estátua do Laçador, considerada monumento-símbolo do Rio Grande do Sul. O escultor, em 1952, criou o curso de escultura na Escola de Belas Artes de Pelotas, atual Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Pelotas. Estudou escultura na Alemanha e, na sua volta, criou várias obras na cidade, entre elas o Monumento às Mães e o Monumento ao Coronel Pedro Osório, na Praça Coronel Pedro Osório e o Monumento ao Colono.

*Monumento ao Colono
Foto: Diego Windmüller*



*Monumento às Mães
Foto: Diego Windmüller*



*Estátua do Laçador (Porto Alegre)
Foto: acervo Secult*



*Estátua do Cel. Pedro Osório
Foto: Diego Windmüller*



LITERATURA

Na literatura, temos no escritor João Simões Lopes Neto (1865-1916) um dos maiores regionalistas da literatura brasileira. Sua obra ultrapassou fronteiras e hoje pertence à literatura universal, tendo sido traduzido para diversas línguas.

Suas obras: Contos Gauchescos; Lendas do Sul; Casos do Romualdo; Cancioneiro Guasca e Terra Gaúcha.

Na casa onde consta que tenha escrito a lenda “O Negrinho do Pastoreio”, na Rua Dom Pedro II, nº 810, foi criado o Instituto João Simões Lopes Neto, que desenvolve projetos de documentação, divulgação e promoção artística cultural sobre a vida e a obra do escritor.

Entre 1852 e 1896, pelo menos 86 jornais foram criados e circularam em Pelotas. A intensidade da atividade tipográfica propiciava que clubes ou associações literárias mantivessem seus próprios semanários. Segundo Peres (2002), na linha dos jornais humorísticos e ilustrados alguns se destacaram, como: o Ventarola, de 1887; o Cabrion, de 1880; o Zé Povinho, de 1883. Todos eles satirizavam e expressavam a vida cotidiana de Pelotas, os principais acontecimentos políticos do país e as discussões em torno da Abolição e da República.

Alguns jornais tiveram vida efêmera, outros se estenderam por longos anos, e o Diário Popular, de

Instituto João Simões Lopes
Foto: acervo Secult



Capa do Jornal A Alvorada
Foto: Dionisia Vaz



Placa em homenagem ao poeta e escritor Lobo da Costa, na fachada da Biblioteca Pública
Foto: Diego Windmüller



Capa do Jornal Diário Popular (1898)
Foto: Dionisia Vaz



1891, ainda continua circulando diariamente. O ano de 1881, afirma Peres (2002), foi marcado pela circulação simultânea de cinco jornais: o Correio Mercantil, o Jornal do Comércio, o Onze de Julho, o Diário Popular e A Discussão, atestando a efervescência da atividade intelectual na cidade nas últimas décadas do século.

O jornal A Alvorada, criado em 1907, enaltecia a mão-de-obra dos afrodescendentes que havia sido e ainda era no final do século XIX, início do XX, explorada na construção econômica da cidade. Seu principal redator foi Rodolpho Xavier.

A partir de 1960, Pelotas começou a realizar a Feira do Livro, com objetivo de promover o livro e ações que divulguem a literatura, tais como: palestras, oficinas, apresentações e sessão de autógrafos. A Feira também contempla atividades como música, teatro, dança, mostras de artes visuais, cinema e vídeo, envolvendo a comunidade de um modo geral.

Parte do acervo da Biblioteca
Foto: Diego Windmüller



Sala de leitura da Biblioteca
Foto: Diego Windmüller



**Quem
Sabe
Rola?**

Você pode constatar que Pelotas tem uma história muito rica em relação às manifestações artísticas. Poderíamos escrever vários livros sobre esse aspecto do nosso Patrimônio Cultural, porém, no momento, queremos instigar sua curiosidade através desses registros e convidá-lo a relacioná-los as nossas manifestações artísticas atuais. Esse exercício pode render muitas descobertas, ideias, inspirações...

Pelotas - Uma História Cultural

Unidade 3

O
TRADICIONALISMO

Séries Finais
Ensino Fundamental



Desfile de 20 de Setembro
Foto: Marcel Ávila



Representantes do Movimento
Tradicionalista Gaúcho
Foto: acervo Secult



A ASSESSORA CULTURAL DA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA da Tradição Gaúcha (CBTG), Dionema Bretanha, facilita nossa reflexão, apontando-nos os conceitos de Tradição e Tradicionalismo, definidos por Glaucus Saraiva em sua obra “Manual do Tradicionalista” (1968), da seguinte maneira:

- *Tradição* é o todo que reúne em seu bojo a história política, cultural, social e demais ciências e artes nativas que nos caracterizam e definem como região e povo. Não é o passado, fixação e psicose dos saudosistas. É o presente, como fruto sazonado de sementes escolhidas. É o futuro, como árvore frondosa que seguirá dando frutos e sombra amiga às gerações do porvir. Tradição é tudo aquilo que, do passado, não morreu.

- *Tradicionalismo* é um sistema organizado e planejado de culto, prática e divulgação desse todo que chamamos Tradição. Obedece a uma hierarquia própria, possui um alto programa contido em sua Carta de Princípios que deve, na medida do possível, realizar e cumprir.

Desta forma, tradição é o campo das culturas gauchescas e o tradicionalismo, a técnica de criação, a sementeira, o desenvolvimento e a proteção das suas riquezas naturais, através de núcleos que se intitulam “Centros de Tradições Gaúchas”.

Movimento Tradicionalista é a associação, o conjunto desses núcleos que se propõem à prática dessa técnica.

As origens do Tradicionalismo Rio-Grandense já são identificadas em meados do século XIX, quando da criação, em 1857, da Sociedade Sul-Rio-Grandense do Rio de

Janeiro, logo após a Revolução Farroupilha, para recepcionar os rio-grandenses que haviam saído do estado. Em 1877, foi fundado o Clube 20 de setembro na Faculdade de Direito de São Paulo, tendo entre seus fundadores Júlio de Castilhos, Assis Brasil e Borges de Medeiros. O Grêmio Gaúcho de Porto Alegre foi criado em 1898 e, logo após, no ano de 1899, em Pelotas foi fundada a União Gaúcha. Todavia, a efetivação do Movimento Tradicionalista Gaúcho propriamente dito só surgiu com a fundação do 35 CTG em Porto Alegre, no dia 24 de abril de 1948.

A União Gaúcha foi a primeira entidade tradicionalista fundada no interior do estado. O escritor Simões Lopes foi sócio e o seu quarto presidente empossado, em 1905. A partir de 1950, data do reerguimento da instituição, a União Gaúcha passou a chamar-se União Gaúcha João Simões Lopes Neto, em homenagem ao seu grande escritor regionalista. Pela lei nº 12.673/2006, a União Gaúcha foi declarada integrante do Patrimônio Cultural do estado do Rio Grande do Sul.

Gaúchos no campo
Foto: Marcel Ávila



Lida campeira
Foto: Marcel Ávila



Apresentação de danças gauchescas
Foto: Jussara Cordeiro



Lida campeira
Foto: Marcel Ávila

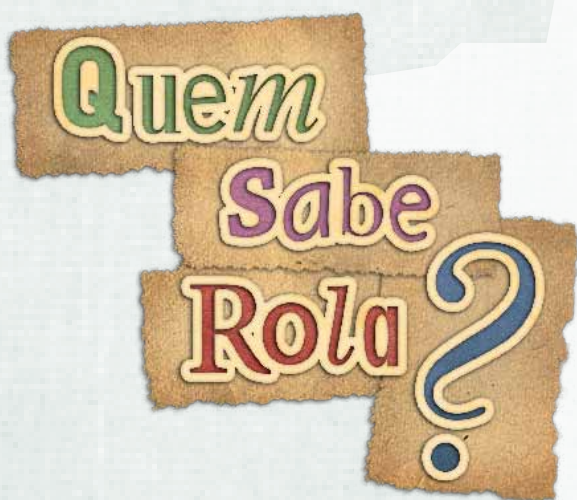


BREVE GLOSSÁRIO

MTG – Movimento Tradicionalista Gaúcho: O MTG foi criado em 28 de outubro de 1966, dedicando-se à preservação, ao resgate e ao desenvolvimento da cultura gaúcha. O MTG preconiza o tradicionalismo como organismo social de natureza nativista, cívica, cultural, literária, artística e folclórica. Através de uma Carta de Princípios, o MTG catalisa, disciplina e orienta as atividades dos seus filiados.

CTG – Centro de Tradições Gaúchas: são centros criados para divulgar as tradições e o folclore da cultura gaúcha, neles as pessoas têm a oportunidade de preservar e cultivar as músicas, danças, culinária, vestimentas típicas do nosso estado.

Gaúcho – é o habitante do pampa, descendente mestiço de espanhóis, portugueses e indígenas, trabalhando e vivendo geralmente em estâncias. É assim conhecido no Brasil, enquanto que na Argentina e no Uruguai é chamado de gaucho. Existem várias teorias conflitantes sobre a origem do termo “gaúcho”: pode ser que o vocábulo tenha derivado do quéchua (idioma ameríndio andino) ou do árabe “chaucho” (um tipo de chicote para controlar manadas de animais). Além disso, abundam outras hipóteses sobre o assunto. A primeira vez que foi documentado o seu uso foi em torno de 1816, durante a independência da Argentina.



Você percebeu como o escritor João Simões Lopes Neto influenciou a formação da cultura gaúcha? Sua obra literária e sua ação junto à União Gaúcha são alicerces sólidos do patrimônio cultural dos gaúchos. Saiba mais sobre esse pelotense consagrado como um dos maiores escritores regionalistas do Brasil e descubra a essência da alma do gaúcho. Visite a casa que foi instituída como seu memorial, na rua Dom Pedro II, 810.

Pelotas - Uma História Cultural

Unidade 3

OS LUGARES DA MEMÓRIA

Séries Finais
Ensino Fundamental



Museu Farmacêutico da Farmácia
Natura
Foto: acervo Secom



Parque do Museu da Baronesa
Foto: Rafael Amaral



Museu da Baronesa
Foto: Rafael Amaral



OS MUSEUS, MONUMENTOS HISTÓRICOS, ARQUIVOS, bibliotecas, centros de documentação, sítios históricos, vestígios arqueológicos, cinematecas, centros culturais, memoriais, casas de cultura, ecomuseus e jardins botânicos **são lugares e suportes da memória** e, através deles, podemos desenvolver a sensibilidade e a consciência de todos para a importância da preservação de bens culturais. Os museus são instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertos ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

Os objetos expostos nos museus são referenciais para a compreensão do presente. Quando buscamos a relação passado-presente, realizamos inúmeras conexões entre velho e novo, entre uma cultura e outra. Aprendemos a contextualizar, a comparar estilos e formas, podemos perceber o homem, criador e transformador da própria cultura.

Em nossa cidade contamos com diversos espaços museológicos que resguardam nossa memória, como:

MUSEU MUNICIPAL PARQUE DA BARONESA

O Museu Municipal Parque da Baronesa é um dos importantes lugares de preservação da memória da cidade de Pelotas. Ele está

contextualizado no final do século XIX e início do século XX, época marcante no passado da cidade de Pelotas, e foi tombado em nível municipal em 4 de julho de 1985.

As famílias de posses desenvolveram uma forma de vida característica, muito ligada aos hábitos europeus, pois viajavam muito para a Europa. A moradia, as vestimentas e os objetos de uso cotidiano eram extremamente luxuosos e requintados.

O Museu Municipal Parque da Baronesa conta essa história através de seus objetos, mas também através do ambiente: o tamanho da casa, sua arquitetura e tudo o que compõe o extenso parque representa a forma de vida das famílias abastadas desse período. A partir do Museu podemos refletir sobre os hábitos, o cotidiano, o modo de ser e de viver de uma elite diferenciada no espaço e no tempo.

No Museu Municipal Parque da Baronesa há diferentes tipos de objetos: móveis, vestimentas, acessórios de vestuário, objetos de uso cotidiano, de decoração. O mobiliário pertence às coleções Família Antunes Maciel e Adail Bento Costa, os têxteis pertencem às coleções Família Antunes Maciel e Antonia Sampaio. Os demais objetos são provenientes dessas coleções e de doações diversas.

O parque possui área de 7 hectares e foi construído na década de 1930, lá estão localizados uma casa de banho onde as mulheres da família se refrescavam durante o verão, uma gruta com pedras de quartzo incrustadas, um pequeno castelo, um jardim francês, um chafariz e uma extensa área verde.

Endereço: Av. Domingos de Almeida, 1490. Bairro Areal.

MUSEU DE CIÊNCIAS NATURAIS CARLOS RITTER

O Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter tem suas origens em coleções particulares de Carlos Ritter, um naturalista autodidata que viveu no período de 1851 a 1926. Após seu falecimento, sua esposa doou à Escola de Agronomia grande parte do acervo de sua coleção particular de espécimes zoológicos. Carlos Ritter foi um entomólogo (estudioso de insetos) entusiasta, confeccionou curiosos mosaicos feitos

*Acervo do Museu da Baronesa
Foto: Rafael Amaral*



*Acervo do Museu da Baronesa
Foto: Rafael Amaral*



*Acervo do Museu da Baronesa
Foto: Rafael Amaral*



*Museu Carlos Ritter
Foto: Diego Windmüller*



Mosaico confeccionado por Carlos Ritter por ocasião da visita da Princesa Isabel a Pelotas (1885). Acervo do Museu Carlos Ritter. Foto: Diego Windmüller



Aves taxidermizadas - acervo do Museu Carlos Ritter. Foto: Michael Kerr



Acervo de entomologia - Museu Carlos Ritter. Foto: Diego Windmüller



totalmente de insetos, os quais retratavam pontos turísticos de Pelotas. Seus quadros entomológicos encontram-se preservados até hoje.

No campo da ornitologia, parte da zoologia que estuda as aves, dedicou-se à história natural de forma dinâmica para a época, conquistando reconhecimento através de sua fabulosa coleção de aves, hoje preservada em sua totalidade.

Demonstrou ser um excelente taxidermista. A taxidermia é uma técnica de empalhar usada para a preservação de animais para exposição e estudos.

A atual coleção de aves taxidermizadas do Museu serve de referência a ornitólogos do mundo inteiro. No Rio Grande do Sul, é a maior coleção de aves taxidermizadas, algumas delas não mais observadas em nosso estado.

Outro importante naturalista que contribuiu muito para a construção do atual acervo foi o polonês Ceslau Maria Biezanko (1895-1985), professor, pesquisador e entomólogo internacionalmente conhecido. Sua coleção, bem como seus inúmeros periódicos publicados, é referência obrigatória para os estudiosos atuais. A coleção doada por Biezanko encontra-se tombada como um dos pontos mais importantes do acervo de invertebrados do Museu.

O Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter é um órgão do Instituto de Biologia da Universidade Federal de Pelotas.

O Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter é um órgão do Instituto de Biologia da Universidade Federal de Pelotas.

Endereço: Rua Marechal Deodoro, 823.

MUSEU DE ARTE LEOPOLDO GOTUZZO

O Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG), atualmente pertencente ao Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Pelotas, foi inaugurado no dia 7 de novembro de 1986.

Nessa data, o museu qualificava-se como universitário, com o objetivo de proteger, investigar e divulgar o seu acervo junto à comunidade. Também assumiu as responsabilidades de intercâmbio com instituições a fim de receber exposições de arte, de fomentar a pesquisa e discussão a respeito do fazer artístico e de gerar ações educativas junto às redes de ensino e à própria sociedade.

O museu conta com as seguintes coleções:

- Coleção Leopoldo Gotuzzo, formada por suas doações à Escola de Belas Artes. Contém objetos de uso pessoal, mobiliário e 120 obras entre pinturas e desenhos;
- Coleção Faustino Trápaga, que reúne obras de artistas europeus do século XX, doadas por Berthilda Trápaga e Carmem Simões;

Sala de exposições do MALG
Foto: Diego Windmüller



Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo
Foto: Diego Windmüller



Autorretrato de Leopoldo Gotuzzo -
acervo do MALG
Foto: Diego Windmüller



Acervo do MALG
Foto: Diego Windmüller



Acervo do MALG
Foto: Diego Windmüller



- Coleção Marina, Nesmaro, Locatelli e Caringi, formada por doações de obras dos artistas que dão nome à coleção;
- Coleção Dr. João Gomes de Mello, que contém obras de seu acervo particular, doadas pelo próprio;
- Coleção Ex-alunos, constituída por obras dos ex-alunos da Escola de Belas Artes, que recebiam premiações ao término de cada ano;
- Coleção Século XX, formada por doações isoladas, de artistas locais ou que tenham realizado exposições em Pelotas;
- Coleção Século XXI, em formação nos mesmos moldes da Coleção Século XX.

Ao todo são mais de 500 obras de arte, entre pinturas, esculturas, desenhos, gravuras e objetos, cerca de 120 são de autoria do patrono, e as demais são de artistas pelotenses, gaúchos, ou ainda de porte nacional e internacional.

Endereço: Rua General Osório nº 725

MUSEU DO CHARQUE

O Museu do Charque foi concebido tendo por finalidade criar, implantar e manter um centro bibliográfico, documental e museológico, bem como incentivar pesquisas que visassem resgatar e divulgar a história do Ciclo do Charque na formação e desenvolvimento do estado do Rio Grande do Sul.

O acervo do Museu, atualmente, é composto pelas reproduções do gravurista Danúbio Gonçalves, fotografias, objetos da época (doados por pessoas da comunidade), livros e uma maquete de charqueada. As reproduções de Danúbio compõem a série de xilogravuras “Xarqueadas”, produzida no ano de 1953. O artista cedeu ao museu as gravuras e os desenhos, alguns a lápis, outros

Museu do Charque
Foto: Michael Kerr



em bico de pena, sendo alguns aquarelados, os seus cadernos de estudos, que deram origem à série de gravuras, registros feitos a partir da observação do processo produtivo artesanal do charque na última charqueada em atividade em Bagé.

Estas gravuras e desenhos são um importante documento histórico e artístico de preservação da memória das charqueadas, pois registram os últimos momentos do processo produtivo artesanal do charque.

Endereço: Charqueada Santa Rita. Estrada da Costa nº 200, Bairro Areal.

*Visão geral do acervo do Museu do Charque
Foto: Michael Kerr*



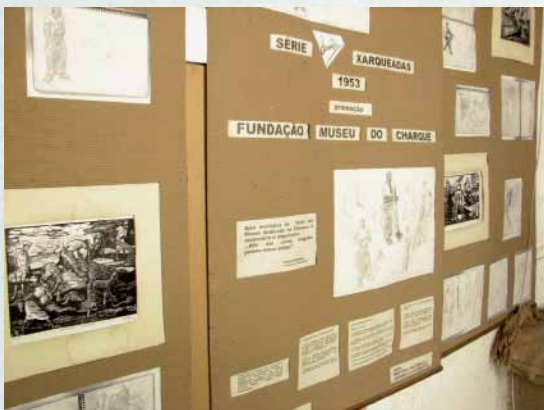
*Acervo do Museu do Charque
Foto: Diego Windmüller*



*Acervo do Museu do Charque
Foto: Diego Windmüller*



*Gravuras da série "Xarqueadas", em
exposição no Museu do Charque
Foto: Michael Kerr*



*Acervo do Museu do Charque
Foto: Michael Kerr*



MUSEU HISTÓRICO DA BIBLIOTECA PÚBLICA PELOTENSE

Fachada da Biblioteca Pública de Pelotas
Foto: Diego Windmüller



Biblioteca Pública de Pelotas -
Lenço Farrroupilha
Foto: Diego Windmüller



Biblioteca Pública de Pelotas -
Arma e Tabaqueira
Foto: Diego Windmüller



Biblioteca Pública de Pelotas -
acervo de livros e jornais antigos
Foto: Dionisia Vaz



Biblioteca Pública de Pelotas -
pontas de projétil
Foto: Diego Windmüller



Criada para atuar como centro multicultural de caráter regional, a Biblioteca Pública Pelotense recebeu, desde a fundação, em 1875, um grande número de doações de peças e documentos relacionados à memória histórica do extremo sul do país.

Para dar organização e abrigo institucional a este acervo foi criado, em janeiro de 1904, o Museu Histórico e Bibliográfico da BPP; mais adiante, a parte bibliográfica seria incorporada ao acervo geral.

As principais peças do Museu são o lenço farroupilha, o sinete da República Rio-grandense e a ponta de lança que na guerra do Paraguai teria causado o ferimento mortal em Solano Lopes. Apesar das controvérsias sobre o tema, o lenço seria criação do Major Bernardo Pires em 1942 e destinado ao uso dos oficiais farrapos. No lenço estão gravados, além do que viria a ser o brasão da República Rio-grandense, a data e o local de vinte batalhas vencidas pelos farroupilhas entre abril de 1836 e junho de 1841.

Endereço: Biblioteca Pública Pelotense, Praça Cel. Pedro Osório, 103

MUSEU HISTÓRICO HELENA ASSUMPÇÃO DE ASSUMPÇÃO

A Granja Santa Helena, antiga sede do Balneário Valverde, no Laranjal, pertencente a família Assumpção Gertum, abriga a sede do Instituto Nacional Senador Joaquim Augusto de Assumpção (INBRAJA), destacando-se entre as suas seções o Museu Histórico Helena Assumpção de Assumpção e o Memorial da Praia do Laranjal Arthur Augusto de Assumpção, que preservam um precioso acervo no que se refere aos costumes e à tradição da sociedade pelotense no século passado. O seu acervo é constituído por objetos, móveis e utensílios, vestuário, documentação histórica e fotografias.

Endereço: Av. Adolfo Fetter, nº 5.000, Praia do Laranjal.

*Museu Hist. Helena A. de Assumpção
Fachada e acervo
Foto: divulgação*



MUSEU ETNOGRÁFICO DA COLÔNIA MACIEL

O Museu Etnográfico da Colônia Maciel está localizado no distrito de Rincão da Cruz e foi preparado para abrigar a história da colonização italiana no município, na região onde os colonos se instalaram ao desembarcarem de navios provenientes da Itália a partir de 1880, e onde grande parte de seus descendentes ainda vive hoje.

Através de um acervo de quase 200 objetos de uso pessoal, utensílios domésticos e de trabalho, maquinaria, equipamentos e cerca

*Museu Etnográfico da Colônia Maciel
Foto: Hectare - núcleo de estudos em
áreas rurais e periféricas*



Museu Etnográfico da Col. Maciel -
acervo em exposição
Foto: Cristiano Gherke



Museu Etnográfico da Col. Maciel -
acervo em exposição
Foto: Cristiano Gherke



de 1.300 fotos, o Museu conta o dia-a-dia das famílias a partir do final do século XIX.

Endereço: Vila Maciel, com acesso pela BR-392.

Museu Etnográfico da Col. Maciel -
acervo em exposição
Foto: Cristiano Gherke



Quem Sabe Rola?

Você já deve ter conhecido alguém que coleciona coisas, guarda objetos antigos, fotos, enfim, qualquer coisa que de alguma forma tenha significado na história de sua vida. Você é um desses? Procure descobrir com seus familiares e amigos quais as motivações para isso. Como preservam suas lembranças? Como conservam suas crenças, costumes e objetos? Um passeio pelos museus amplia nossos conhecimentos sobre a história, os costumes, as manifestações artísticas e culturais coletivas. Além da diversão, é claro.

REFERÊNCIAS:

BERNARDI, Odyr. Tradição Pelotense. Aplauso: Cultura em Revista. Edição 59. 14/10/2004. Disponível em < http://www.aplauso.com.br/site/portal/antecedentes.asp?campo=83&secao_id=33> Acesso em 08 de outubro de 2007.

BETEMPS, Leandro Ramos. Vinhos e doces ao Som da Marselhesa: Um Estudo sobre os 120 anos de Tradição Francesa na Colônia Santo Antonio em Pelotas -RS. Pelotas: 2001. Anais do 4º Seminário de Metodologia da Pesquisa em Arte e em Patrimônio cultural. Pós Graduação em Artes. Instituto de Letras e Arte. UFPel.

LOBO DA COSTA, Francisco. Vida, Obra e Morte de Lobo da Costa. Revista Pelotas Memória. Ano 14. julho 2003. Edição Comemorativa. Pelotas: UFPel. Projeto Pelotas Memória.

LONER, Beatriz et al. O Carnaval e os Clubes Carnavalescos Negros em Pelotas. Projeto de Pesquisa: 2004-2005. Núcleo de Documentação Histórica. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas. Disponível em <http://www.ufpel.tche.br/ich/ndh/xiv_cic_marcele.pdf> acesso em 20 outubro 2007.

LOPES NETO, João Simões. Contos Gauchescos e Lendas do Sul. 3. ed. Porto Alegre: Globo, 1965.

MAGALHÃES, Mário Osório. Doces de Pelotas: Tradição e História. Pelotas: Armazém Literário, 2001.

MELLO, Marco Antonio. Reviras, Batuques e Carnavais: a cultura de resistência dos escravos em Pelotas. Pelotas: UFPel, 1994.

NOGUEIRA, Isabel Porto. O Pianismo na Cidade de Pelotas (RS, Brasil) de 1918 a 1968. Pelotas: 2001. Anais do 4º Seminário de Metodologia da Pesquisa em Arte e em Patrimônio cultural. Pós Graduação em Artes. Instituto de Letras e Arte. UFPel.

PERES, Eliane. Templo de Luz: Os Cursos Noturnos Masculinos de Instrução Primária da Biblioteca Pública Pelotense (1875-1915). Pelotas: Seiva Publicações, 2002. Série História da Educação em Pelotas; 2

SILVA, Ursula Rosa; LORETO, Mari Lúcie. História da Arte em Pelotas: A Pintura de 1870 a 1980. Pelotas: EDUCAT, 1996.

VIANNA, Leticia. Legislação e Preservação do Patrimônio Imaterial: Perspectivas, Experiências e Desafios para a Salvaguarda das Culturas Populares. Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares, vol. 1. n.º 1, 2004. Disponível em <<http://www.tecap.uerj.br/pag/arquivo.html#1>>. Acesso em 11 de agosto de 2007.





Unidade

4

Patrimônio
Cultural
de Pelotas

JOGOS DE
SIMULAÇÃO





VAMOS COMEÇAR AQUI A DESENVOLVER UMA CAMINHADA coletiva, a fim de exercitar nossos conhecimentos sobre o que aprendemos acerca do tema Patrimônio Cultural em Pelotas.

Convidamos a todos educandos e educadores a colocar em prática os conhecimentos que adquirimos com a ajuda de Manu, Mariana e João Pedro. Eles nos ensinaram que precisamos estar abertos à aprendizagem, que ***é necessário estudar, pesquisar, conhecer e reconhecer nossa cultura para que efetivamente tenhamos vontade de preservar nossa história.***

Cada página deste livro foi construída para despertar a vontade de aprender, e os exercícios de simulação aqui propostos foram baseados nas sugestões do Guia Básico de Educação Patrimonial (1999), publicado pelo Museu Imperial / IPHAN, que tem por objetivo nos ensinar a “aprender através do olhar”, ou seja, desenvolver a habilidade da observação e da interpretação do que nos rodeia, para assim nos auxiliar a compreender o mundo. Este processo requer tempo, prática e um esforço consciente, assim que sugerimos iniciar por meio dos seguintes exercícios e tarefas:

Pelotas - Uma História Cultural

Unidade 4

Exercício 1

**REVITALIZAÇÃO
DO PATRIMÔNIO
EDIFICADO**

Séries Finais

Ensino Fundamental



AO LONGO DESTA LIVRO, RESGATAMOS A HISTÓRIA DA NOSSA cidade, buscando a (re)descoberta do patrimônio como um elemento de valorização e reconhecimento da nossa identidade cultural.

Aqui, vamos refletir a respeito das formas de uso dos bens culturais edificados.

Especialmente nas duas últimas décadas, percebemos um lento e gradual interesse dos governos federal, estadual e municipal pelo patrimônio cultural de Pelotas, seja no aporte de recursos, seja na implementação de uma legislação para a preservação dos bens culturais.



Países europeus como a Espanha, Portugal, Itália, Alemanha, França, entre outros, perceberam que investir na restauração e preservação dos bens culturais trouxe o benefício da dinamização do turismo, ao mesmo tempo em que fortaleceu a identidade nacional. Consequentemente, empresários e a sociedade organizada beneficiaram-se com o aumento da riqueza interna, pois o turismo gerou negócios e empregos. Nesses países, para o reconhecimento e valorização dos espaços e lugares como patrimônio, são desenvolvidas ações para implantação de estrutura necessária para receber os turistas, como: sinalização adequada, folhetos, guias e uma série de serviços para a visita do bem cultural.

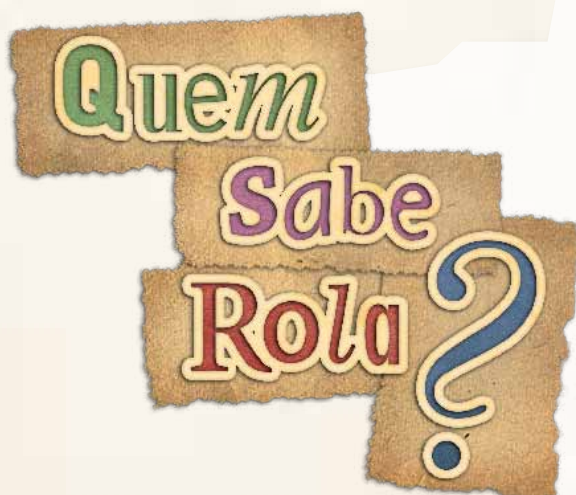
Destacamos que, ao pensarmos, na revitalização do patrimônio, temos que necessariamente discutir os mecanismos de tombamento, os recursos financeiros e humanos disponíveis e as alternativas de uso. Acima de tudo, o processo de revitalização tem que ser benéfico para a sociedade, ao transformar o lugar em um espaço agradável para os cidadãos e para os turistas. Assim, devemos priorizar o respeito à cultura e a participação da comunidade.



A partir dessa abordagem, colocamos para sua reflexão a seguinte problemática:

A Administração Municipal recebeu uma doação de um empresário milionário que deseja colaborar com o desenvolvimento da cidade em que nasceu, aplicando um milhão de reais na restauração e renovação de alguns edifícios, praças e monumentos. Como você aplicaria e dividiria o dinheiro doado? Como distribuiria os recursos, caso fosse responsável por essa tarefa? Quais seriam suas prioridades?

Pense num plano de ação, faça um elenco de necessidades, problemas existentes, busque soluções para os problemas que identificou.



Esta proposta consta de desenvolver um passeio pelos lugares que guardam a nossa memória, como forma de discutir temas mais complexos da nossa cidade, como questões de políticas públicas municipais, desenvolvimento sustentável, preservação dos recursos hídricos, identidade cultural, planejamento urbano.

Pelotas - Uma História Cultural

Unidade 4

Exercício 2

QUAL É O MEU PAPEL?

Séries Finais
Ensino Fundamental



COMO VOCÊ PERCEBEU AO LONGO DESTE LIVRO, O Patrimônio Cultural de um povo não se restringe aos bens materiais. Precisamos, também, preocuparmo-nos com a salvaguarda de manifestações de natureza “imaterial”, no momento em que (re)descobrimos o valor do patrimônio como elemento de identidade cultural.

Lembramos da estudiosa Letícia Vianna (2004), que destaca o sentido antropológico da cultura, quando afirma que as manifestações de natureza “imaterial” são as visões de mundo, memórias, relações sociais e simbólicas, saberes e práticas, experiências diferenciadas nos grupos humanos,



chaves das identidades sociais.

O Patrimônio Cultural Imaterial, intangível ou vivo, é formado pelas manifestações pessoais e coletivas que fomentam o universo cultural de um grupo social num determinado tempo e espaço, através da religiosidade, das celebrações, da musicalidade, das danças, da culinária, das artes e artesanatos, dos mistérios e mitos, da literatura oral, dos saberes da cultura popular, entre outros.

Como já vimos, a legislação para o patrimônio imaterial prevê como salvaguarda instrumentos como o inventário permanente, o registro em livros análogos aos livros de tombo e as políticas de preservação e fomento que devem ser estabelecidas.

Os documentos, os inventários, a descrição dos bens contida nos livros do IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – são apenas referências dos bens, mas não dão conta dos bens em si, que têm natureza dinâmica e intangível. As manifestações que compõem o patrimônio imaterial de uma comunidade só se conservarão, efetivamente, se vividos por pessoas interessadas em vivenciá-las, de modo dinâmico e criativo.



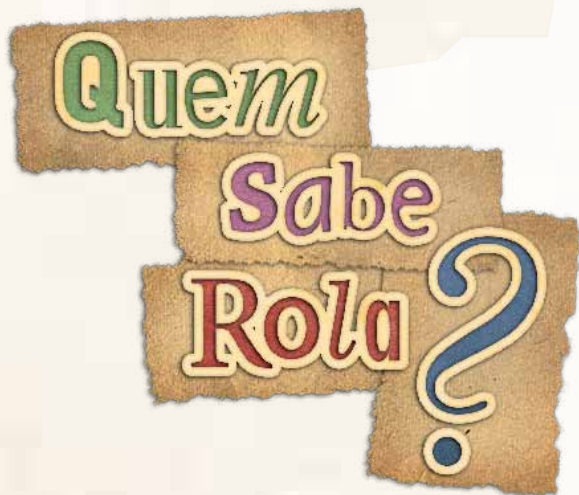
A partir dessa abordagem, colocamos para sua reflexão a seguinte problemática:

Beijinho, Bem Casado, Delícia de Nozes, Ninho, Olho-de-Sogra, Papo de Anjo, Pastel de Santa Clara, Trouxinha de Amêndoas, entre tantos outros, são doces tradicionais de Pelotas. Um dos seus ingredientes indispensáveis é o ovo.

Agora, imaginem que estamos numa doçaria especializada em doces de Pelotas com grande fluxo de clientes e muitas encomendas, inclusive pedidos de outros estados e do exterior, recebidos através do site que mantém na internet. O slogan da doçaria é “o doce mais tradicional de Pelotas”, seus donos orgulham-se de seguir as receitas artesanais herdadas de seus familiares, sendo esse o diferencial dos doces que oferecem e do sucesso que alcançaram. Certo dia, são surpreendidos com a notícia da quarentena dos aviários que por muitos anos fornecem os ovos que usam na produção dos seus doces. Nesse período, terão que buscar outros fornecedores confiáveis. Enquanto tentam resolver o problema, não poderão atender os pedidos dos clientes, tampouco poderão recorrer aos demais doceiros da cidade, já que todos estão na mesma situação. Como resolver esse problema sem perder os clientes que estão aguardando e ao mesmo tempo sem comprometer a tradição do doce feito artesanalmente na doçaria e com ingredientes confiáveis?



Tente posicionar-se frente ao problema da doçaria, de acordo com a representação de diferentes participantes da vida real. Assim, coloque-se nos seguintes papéis (personagens): os donos da doçaria, a doceira que trabalha diretamente na confecção dos doces, um cliente muito antigo, um fornecedor de ovos de avestruz, um jornalista que vai fazer a cobertura do drama dos doceiros da cidade, uma dona de casa, um aposentado, um comerciante da área da alimentação, um representante da Secretaria de Cultura, um membro de uma ONG dedicada à preservação do patrimônio cultural. O importante nesta situação é analisar e posicionar-se com a visão e o interesse de cada personagem (papel), para perceber as diferentes perspectivas que o problema tem.



Quando falamos em preservação das manifestações culturais de caráter imaterial não devemos ter em mente uma ideia estanque, que recaia na falta de dinâmica que cada tradição deve comportar para manter-se. O que não podemos perder é o sentido de pertencimento, de identificação própria do grupo e do lugar onde estamos como algo que fortalece nossa existência em relação ao resto do mundo. Procure conhecer iniciativas de valorização do nosso patrimônio vivo.